

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História

Rafael Salton

Europa em crise: exploração e desemprego em *Na pior em Paris e Londres* e em
O Caminho para Wigan Pier de George Orwell (1929-1936)

Porto Alegre
Novembro de 2013

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História

Rafael Salton

Europa em crise: exploração e desemprego em *Na pior em Paris e Londres* e em *O Caminho para Wigan Pier* de George Orwell (1929-1936)

Monografia apresentada junto ao curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Enrique Serra Padrós

Porto Alegre
Novembro de 2013

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História

Rafael Salton

Europa em crise: exploração e desemprego em *Na pior em Paris e Londres* e em *O Caminho para Wigan Pier* de George Orwell (1929-1936)

Monografia apresentada junto ao curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História.

Aprovado em:

Banca examinadora

Orientador: Prof. Dr. Enrique Serra Padrós

Prof. Dr. Luiz Dario Teixeira Ribeiro (UFRGS)

Prof. Drnd. Frederico Duarte Bartz (UFRGS)

Porto Alegre
Novembro de 2013

Agradecimentos

Começo agradecendo ao professor Enrique Padrós, que desde o começo desta ideia, ofereceu atenção e ajuda indispensáveis para a realização deste TCC. Não por menos, foi justamente na cadeira de Guerra Civil Espanhola que os livros do escritor inglês começaram, de fato, a me acompanhar no percurso acadêmico e nas conversas com este exemplar professor e amigo! Também à Patrícia Machado, que nessa etapa final conseguiu arranjar um tempo para dar uma força como grande leitora deste trabalho. Mais do que isso, agradeço também aos professores que forneceram o conhecimento e a vontade pelo aprendizado da História.

Aos meus pais, Clara e Plínio, que apesar de estarem longe, sempre dão auxílios de toda ordem e mesmo a distância não serve de obstáculo para a transmissão do apoio, carinho e amor incondicional. Sem esquecer de cada irmão, cada qual com sua particularidade.

Aos colegas de Universidade e às pessoas que conheci em virtude dela, grandes camaradas que certamente seguiremos em contato nas etapas posteriores à formatura. Pelas noites literárias e boêmias, mas também acadêmicas e alimentadas pelo gosto da sinuca: Fábio Viecili; Ivano, companheiro sempre pela banda; Aécio Severo; da mesma forma Maurício Reali; Guilherme Ritter; John, (e o projeto inacabado de banda); Dionysius. Ricieri e Jerônimo, escritores dos bares; Elias e Greize, amigos de tempos; André Guerra (e os Derivantes) e a todos e todas colegas de outras barras que fizeram e fazem parte desta caminhada acadêmica.

Aos amigos “das antigas”, principalmente Douglas, Pablo e Herbert pelas conversas dos últimos meses, e aos ideais que sempre extrapolam a normalidade das ações. Os objetivos aos poucos vão se construindo e a imaginação é algo que move os anseios. Aos demais amigos não citados, mas nem por isso esquecidos.

Ao colega de trabalho e amigo, Robert, pelos almoços e conversas a respeito da complexidade humana e suas divergências que, talvez, nunca serão sanadas.

Por fim, mas não menos importante, à companheira que tem seguido junto esse caminho, Lisi, com sua atenção e carinho despendidos; nem sempre retribuídos à altura, o que não quer dizer que não exista recíproca (you make me dizzy, Miss Lizzy).

À História e as fontes musicais, que sempre me serviram de inspiração. “Entre a verdade e o rock inglês”, pode-se dizer que está uma boa parte das situações vividas neste trabalho.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar o percurso intelectual do escritor inglês George Orwell e de que maneira ocorre a exploração socioeconômica dos trabalhadores nas suas obras não ficcionais. O recorte temporal vai de 1929 a 1936, período em que os livros *Na pior em Paris e Londres* e *O caminho para Wigan Pier*, objetos deste estudo, foram escritos. Sendo assim, o pano de fundo é a Crise de 1929 e suas consequências mais evidentes, o desemprego e a precarização do trabalho. Dessa forma, pretende-se demonstrar, pela ótica do jornalista e escritor, quais eram as condições de vida que aqueles trabalhadores enfrentavam naquele período e a análise do autor a respeito dos preconceitos de classe britânicos.

Palavras-chave: George Orwell; Crise de 1929; Intelectuais; setores populares.

Sumário

Introdução	7
1 George Orwell: Um intérprete de tempos sombrios	16
1.1 O autor no seu contexto	17
1.2 Pensamento crítico multifacetado	22
1.3 O autor e sua obra	29
2 Na pior em Paris e Londres	32
2.1 Contexto histórico de uma época de crise	33
2.2 Apresentação da obra	35
2.3 Em busca da penúria	37
2.3.1 A vida de <i>plongeur</i>	39
2.3.2 Andarilhos, artistas e vagabundos	41
3 O caminho para Wigan Pier	45
3.1 Contexto histórico	46
3.2 Apresentação da obra e elementos externos	48
3.3 Questões de destaque	51
3.3.1 A vida dos mineiros	52
3.3.2 Crítica aos preconceitos de classe	57
4 A exploração dos setores populares	63
4.1 As mazelas sociais	63
4.2 O embate social	66
4.3 A perspectiva de Orwell	69
Conclusão	73
Referências bibliográficas	76
Anexos – Situação das moradias dos operários	78

Introdução

O período do entreguerras, na primeira metade do século XX, gerou uma série de mudanças estruturais no mundo inteiro. O colonialismo das potências europeias, o avanço desmedido e selvagem do capitalismo e a exploração da classe trabalhadora foram marcas evidentes desse período.

Para Michel Beaud, a mesma crise que se desenvolve nos anos 1920-1930, sob diferentes formas e ainda sem que tenham desaparecido as “contradições fundamentais, de um lado com as classes operárias, de outro com as formações sociais dominadas”, acaba expondo “as contradições entre capitalismo nacionais que fornecem a chave da grande crise desse período”¹. A repercussão da grande crise econômica de 1929 foi, de fato, um acontecimento mundial. As consequências pesaram em grande medida nas potências capitalistas, mas também na própria América Latina, com o exemplo da crise do café no Brasil. Segundo Eric Hobsbawm,

[...] uma crise econômica mundial de profundidade sem precedentes pôs de joelhos até mesmo as economias capitalistas mais fortes e pareceu reverter a criação de uma economia mundial única, feito bastante notável do capitalismo liberal do século XIX.²

Ou seja, os efeitos do pós-guerra e da crise subsequente recaíram sobre o mundo todo. Para os trabalhadores europeus não foi diferente, visto que os desdobramentos e as consequências da Primeira Guerra Mundial ecoaram até a Segunda Grande Guerra.

Dentro de uma perspectiva que centra o foco na conjuntura europeia, o período do entreguerras foi caracterizado por uma série de eventos que culminaram na Segunda Guerra Mundial. A Crise de 1929 com suas consequências mundiais, a Guerra Civil Espanhola e a série de tratados diplomáticos – ora parecendo esfriar o calor das armas, ora esquentando e aumentando sua produção – foram alguns dos acontecimentos marcantes. Gerson Anversa sintetiza algumas das medidas tomadas como respostas à Crise de 1929, no caso da Inglaterra e França:

1 BEAUD, Michel. *História do Capitalismo de 1500 até nossos dias*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 247.

2 HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 16.

[...] na Grã-Bretanha, desvalorizada a moeda, reforçou-se o protecionismo e a preferência imperial, fechando-se a economia britânica na Commonwealth e na zona da libra esterlina [...]. Na França, onde a ortodoxia liberal não era tão forte, foram possíveis medidas intervencionistas, principalmente no governo da Frente Popular. Todavia, o país não passou incólume pela crise.³

As medidas econômicas tomadas por França e Inglaterra tentaram sufocar os problemas da crise. No entanto, outras medidas concomitantes, como a Política de Apaziguamento, acabaram por deixar lacunas na política internacional de modo que a Alemanha nazista foi uma das beneficiadas dessa medida, proporcionando condições para seu impulso e grande militarização.

Dentro desse complexo contexto, a proposta do presente trabalho é analisar esse conturbado período sob a ótica de um escritor de seu tempo, encapsulado nas perspectivas e embates políticos e ideológicos existentes, visionário de um futuro não tão promissor, ainda que guardando em seu íntimo a esperança, talvez, de uma utopia. Trata-se do escritor e jornalista George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, tão exaltado pelas suas duas obras mais conhecidas, *A Revolução dos Bichos* (Animal Farm, 1945) e *1984* (Nineteen Eighty-Four, 1949), que, apesar de tudo, só obtiveram amplo reconhecimento após a sua morte, em 1950.

As obras escolhidas para esta proposta, no entanto, remetem a um Orwell ainda não tão conhecido do grande público, um Orwell em formação e em processo de amadurecimento ideológico, estético e político. As obras analisadas são dois de seus três livros de não ficção: seu primeiro livro, *Na pior em Paris e Londres* (Down and Out in Paris and London) escrito em 1929 e lançado em 1933, e *O caminho para Wigan Pier* (The Road to Wigan Pier), escrito em 1936 e lançado no ano seguinte. O terceiro livro de não ficção é um pouco mais conhecido, *Lutando na Espanha* (Homage to Catalonia, 1938), servido de base para o roteiro do filme de Ken Loach, *Terra e Liberdade* (Land and Freedom, 1995). A não utilização desta terceira obra como fonte para o presente trabalho se deve em grande medida ao espaço econômico que o trabalho de conclusão pretende ocupar. Por outro lado, a temática preponderante se baseia na experiência no front de batalha a favor dos republicanos na Guerra Civil Espanhola e os aspectos políticos observados na discussão suscitados pelo autor em defesa das milícias, o que está um tanto distante da problemática que proponho analisar.

3 ANVERSA, Gerson Luís Albrecht. A Crise econômica de 1929. In: PADRÓS, Enrique Serra; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; e GERTZ, René. *Segunda Guerra Mundial: Da crise dos anos 30 ao Armagedom*. Porto Alegre: Editora Folha da História, 2000, p. 39.

Restrinjo-me à utilização de seus dois primeiros livros de não ficção tanto pela questão temporal, quanto pela temática, já que a cobertura do fim da Grande Crise e o início das tratativas bélicas que se evidenciaram sobremaneira com o advento da Guerra Civil Espanhola foram de alguma forma relatados pelo nosso autor em outros textos.

Na pior em Paris e Londres (que no presente estudo também será chamado de “*Na pior*”) trata-se de um livro de memória, que usa de alguns recursos para compor o relato, de modo que não acaba sendo totalmente autobiográfico, em virtude, por exemplo, da omissão dos nomes dos estabelecimentos em que Orwell trabalhara e da temporalidade dos acontecimentos não ser necessariamente sucessiva. Narra as situações em que o autor se envolveu quando de sua partida para Paris para tornar-se escritor, passando por dificuldades financeiras, trabalhando como lavador de pratos, e o seu retorno à Londres, perpassado pela sua convivência com os mendigos e as “ralés”.

Em relação ao livro *O caminho para Wigan Pier* (do mesmo modo, será referido como “*Wigan Pier*”) nota-se uma evidente evolução. O posicionamento do autor cada vez mais explícito confere ao livro um caráter jornalístico e de denúncia das mazelas dos mineiros do norte da Inglaterra, suas precárias condições de vida, seus baixos rendimentos e sua pesada rotina de trabalho. Além disso, há uma análise das estruturas e dos preconceitos de classe britânicos.

Desse modo, como problema de pesquisa, cabe a pergunta: tendo em vista o percurso intelectual de George Orwell, de que maneira ocorre a exploração socioeconômica dos trabalhadores e quais são as condições de vida destes nas suas obras não ficcionais?

Além da historiografia pertinente ao período trabalhado, utilizo textos que nos remetem à biografia do autor, livros de crítica, e em grande medida as cartas disponibilizadas em língua portuguesa⁴. Sem esquecer, é claro, dos próprios textos do autor, escritos não necessariamente nos livros analisados, mas em seus ensaios, por exemplo.

Os anos 30 foram permeados pela tragédia social do desemprego, da exploração e de salários precários. A intencionalidade do estudo das obras de um autor expoente desse período nos proporciona um contato mais próximo com aquela realidade e uma presença mais marcante da forma como as pessoas sentiram o peso de uma crise

4 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

com uma atmosfera cinzenta daquela magnitude, retratada pelos documentos fotográficos que temos contato, até mesmo com os registros do próprio autor.

No que concerne à historiografia utilizada, as abordagens de tais fontes abrangem um leque de possibilidades, pois História e Literatura se relacionam em diversos aspectos. O uso da Literatura para explicar ou expor a História é sempre uma presença marcante e a relação entre elas aumentou ainda mais com o suporte da História Cultural. A História, assim como a Literatura, usa da linguagem e outros artifícios para construir significados no tempo. Chartier aponta que

[...] a escrita da história, mesmo a mais quantitativa, mesmo a mais estrutural, pertence ao gênero da narrativa, com o qual compartilha as categorias fundamentais. Narrativas de ficção e narrativas de história têm em comum uma mesma maneira de fazer agir seus “personagens”, uma mesma maneira de construir a temporalidade, uma mesma concepção de causalidade.⁵

A abrangência da utilização das fontes permite abordagens variadas e nesse sentido a proposta do presente trabalho se concentrará na relação de Gramsci com o conceito de “intelectual orgânico” e a questão de “classes” com Edward Palmer Thompson e Frederick Engels, mais precisamente no capítulo referente ao estudo de *O Caminho para Wigan Pier*. Nesse sentido, a abordagem se baseará sob o viés do materialismo histórico. A classe para Thompson é um “fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência”⁶, dessa forma, o uso dessa concepção faz jus à necessidade de se entender aquele período de crise também com fundamental importância em relação à visão de George Orwell e seu jornalismo, e dos próprios trabalhadores com quem este manteve contato. Afinal, o entendimento de uma questão de classe também traz consigo a finalidade da definição que o conceito abarca, ao qual Thompson sintetiza: “A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história, e ao final, esta é a sua única definição”⁷. Evidentemente, este trabalho não tem pretensões de responder a essa discussão tão abrangente no que diz respeito à definição e utilização do conceito de classe, portanto o uso de tal se dá sob a forma de relacioná-lo ao objetivo central deste estudo, ou seja, demonstrar a exploração capitalista sobre os setores dominados.

5 CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: A história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, p.14.

6 THOMPSON, Edward. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 9.

7 *Ibidem*, p. 12.

No que diz respeito ao estudo dos intelectuais, a categoria de “intelectual” não é de fácil definição, já que concerne sentidos que dependem de sua aplicação a um grupo de indivíduos, ou a forma como estudiosos entendem tal conceito. Para Gramsci

Quando se distingue entre intelectuais e não-intelectuais, faz-se referência, na realidade, tão somente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso. Isto significa que, se se pode falar de intelectuais, é impossível falar de não-intelectuais, porque não existem não-intelectuais [...] O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento. [...] O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo literato, pelo filósofo, pelo artista.⁸

Mais do que uma simples tentativa de definição do termo, Gramsci propôs o conceito de “intelectual orgânico” pelo estudo da realidade italiana na primeira metade do século XX. A unificação tardia da Itália deixava clara uma separação entre norte e sul do país. Segundo Marcos Martins: “O Norte tinha perfil socioeconômico urbano e industrial, e ideologicamente nele predominava o liberalismo. A burguesia encontrou aí terreno fértil para se desenvolver como classe dominante economicamente e dirigente”⁹ enquanto o sul era agrário, camponês e religioso. O Norte conseguiu sobrepor uma ideologia dominante frente aos intelectuais tradicionais do Sul, representados principalmente pelos eclesiásticos¹⁰. Essa hegemonia de um grupo de intelectuais sobre uma cultura é o que Gramsci chamou de “orgânicos”. Embora o conceito possa ser utilizado para definir a atuação na hegemonia política, o mesmo vale para forjar outro tipo, o vinculado às classes subalternas. No caso italiano, um tipo de intelectual ligado aos operários do Norte e aos camponeses do Sul.

Gramsci coloca três tarefas aos intelectuais orgânicos às classes subalternas: as de cunho científico-filosófica, “cujo objetivo é compreender a dinâmica da vida societária em uma determinada formação econômica e social”; as educativo-culturais, de forma que a “vida individual e social dos sujeitos das classes subalternas” não seja determinada pela sua posição econômica e nem pela coerção da classe dominante; e a política, que se liga com a educação, pois a “política desenvolvida nas ‘sociedades

8 GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 7-8.

9 MARTINS, Marcos Francisco. *Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política*. Campinas: Pro-Posições, v.22, n.3, 2011, p. 137.

10 GRAMSCI, op. cit., p.13.

ocidentais' exige que se ensinem os indivíduos e os grupos sociais a viver de acordo com as necessidades e os desejos da classe que é dominante economicamente”¹¹.

Dessa forma, Martins coloca que,

[...] a responsabilidade dos intelectuais orgânicos às classes subalternas é objetiva e subjetiva: dedicar-se à construção de um tipo de formação social igualitária sob o ponto de vista das condições econômicas, sociais, políticas e culturais, porque o que caracteriza tal realidade é a liberdade, a autocriação humana, e não a dominação e a direção de um grupo social sobre os demais.¹²

A posição de Orwell como agente ativo na sociedade daquele período remete-nos à atuação do intelectual nas questões em que ele vivia e fazia parte. Nesse sentido, cabe também a utilização da perspectiva da História dos Intelectuais, abordada por Jean- François Sirinelli, o qual aponta que foi somente a partir da segunda metade da década de 70 que a historiografia começou a dar uma grande importância para a história dos intelectuais, o que ressalta a importância dos estudos empreendidos posteriormente, onde se pode ver o engajamento para os membros da intelectualidade, principalmente francesa. Sirinelli propôs duas definições para o estudo deste grupo social: uma definição sociológica e cultural, que engloba os criadores e mediadores culturais, como jornalistas, escritores e professores; e uma definição política fundamentada pela noção do engajamento na vida da cidade¹³.

Outras concepções metodológicas para auxiliar no estudo sobre este grupo social são: a reconstituição de itinerários, a noção de estruturas de sociabilidade e por fim a noção de geração. Sirinelli aponta para a observação dos itinerários políticos como meio de auxiliar no desenho de mapas dos eixos de engajamento dos intelectuais. Nas estruturas de sociabilidade a importância recai no questionamento sobre a origem e formação dos grupos de apoio, que se utilizam de meios como revistas e manifestos para expor suas ideias. Nesse sentido, a relação com Orwell seria seu trabalho como jornalista escrevendo para jornais da França, como o *Monde*, na Inglaterra para o *Observer*, de seu amigo David Astor, e mais tarde em Nova York, para a *Partisan Review*. O terceiro ponto de análise é o da geração, que engloba “conjuntos complexos

11 MARTINS, Marcos Francisco. *Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política*. Campinas: Pro-Posições, v.22, n.3, 2011, p. 140-142.

12 *Ibidem*, p. 143.

13 ZANOTTO, Gizele. *História dos Intelectuais e Historiografia Intelectual: Contribuições da Historiografia Francesa*. Biblos, Rio Grande, 22 (1): 31-45, 2008, p. 37.

de contornos incertos e bordas porosas”¹⁴, no qual os efeitos da idade e das gerações concernem na formação e transmissão cultural. De acordo com Sirinelli,

No meio intelectual os processos de transmissão cultural são essenciais; um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo: quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é, portanto, elemento de referência explícita ou implícita.¹⁵

Aqui cabe ressaltar a formação intelectual de Orwell, no tradicional *Eton College*, e na tradição inglesa, a qual o autor tenta contrapor em vários aspectos durante sua vida. Como no caso exposto por Christopher Hitchens, em que

Orwell pode ter ou não sentido culpa pela fonte de renda de sua família [lembrando do trabalho do seu pai como agente do Império] – uma imagem recorrente em seu famoso retrato da própria Inglaterra como uma família que mantém uma conspiração de silêncio a respeito de suas finanças –, mas sem dúvida acabou por ver a exploração das colônias como o segredo sujo de todo o esclarecido *establishment* político e cultural britânico.¹⁶

No que se refere ainda à problematização das fontes, uma outra relação que pode ser feita das obras utilizadas nesse estudo é a concepção da “escrita de si”, de Ângela de Castro Gomes, tendo em vista, por exemplo, que a narrativa de *Na pior em Paris e Londres*, em sua primeira versão tinha um caráter de diário, sendo depois necessário alterar esse formato em virtude da exigência dos editores. A intencionalidade da relação com a “escrita de si” está em considerar a “ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa”¹⁷, sendo assim, tanto os livros que servem como fonte para este trabalho, quanto as cartas que subsidiam as informações a respeito do contexto em que o autor viveu e seu ambiente de sociabilidades, conferem essa possibilidade de se inserir na perspectiva de Gomes.

Nesse sentido, a respeito da utilização dos livros em questão como fontes históricas, cabe ressaltar o posicionamento político e intelectual do autor, sua atuação e seus mais variados escritos. Em grande parte de sua vida, o jornalismo o ocupou, e a veiculação de suas posições – ainda que ganhassem evidência significativa apenas após sua morte – demonstrava mais do que um escritor que escrevera sobre os mais variados

14 ZANOTTO, Gizele. *História dos Intelectuais e Historiografia Intelectual: Contribuições da Historiografia Francesa*. Biblos, Rio Grande, 22 (1): 31-45, 2008, p. 39.

15 SIRINELLI, Jean-François. Intelectuais. In REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 254-255.

16 HITCHENS, Christopher. *A vitória de Orwell*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 16.

17 GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 15.

aspectos da vida (desde suas memórias da infância, até como se preparar um típico chá inglês), mas um jornalista preocupado com as questões de seu tempo.

Diante de tal panorama, com o título de *George Orwell: um intérprete de tempos sombrios*, o primeiro capítulo aborda uma breve biografia, o autor no seu contexto, seu posicionamento social, além de elaborar uma pequena incursão no universo de sua obra. O segundo capítulo trata do livro *Na pior em Paris e Londres*, o contexto histórico em que foi escrito, o conteúdo do livro e as questões de destaque. No terceiro capítulo, a outra obra analisada, *O caminho para Wigan Pier*, o contexto histórico que lhe serve de pano de fundo, a apresentação da obra e as questões em destaque. Por fim, o quarto capítulo encerra o trabalho com uma síntese dos temas abordados, com o título de *a exploração dos setores populares*, abordando as mazelas sociais, o embate social e a perspectiva de Orwell.

O acesso aos livros trabalhados foi de fácil resolução, tanto mais pelo fato de terem sido recentemente reeditados. A utilização das versões em português se deve a limitação técnica de compreensão da língua nata das obras. Evidentemente, cabe sempre o cuidado com as traduções realizadas, e o risco destes tradutores usarem filtros quaisquer. No entanto, creio que para o objetivo imediato do trabalho, tais versões se mostram condizentes.

Destarte, George Orwell transita nos horizontes dos setores populares em suas diversas variáveis. Os lavadores de pratos de Paris, *plongeurs*, e as jornadas integrais dentro de porões que se diziam cozinhas, sem ver praticamente a luz do dia, os garçons que se encontravam em uma posição um pouco melhor do que os anteriores; a sua convivência com os andarilhos e artistas de rua de Londres, percorrendo os albergues públicos dia-a-dia; os mineiros do norte da Inglaterra e as precárias condições de vida, recebendo salários irrisórios e sobrevivendo em verdadeiras favelas; e por fim, uma dura crítica à classe dominante e seu descaso com os desfavorecidos.

O legado de sua obra talvez não lhe adjudique um lugar no panteão dos escritores talentosíssimos, mas sim entre aqueles autores que escreveram com suor e sangue¹⁸, e no comprometimento com as questões sociais e a denúncia de toda forma de opressão. Abordá-lo sob uma perspectiva histórica pode gerar debates a respeito da veracidade das fontes utilizadas, do real comprometimento do autor, do

18 Literalmente, tendo em vista que na Guerra Civil Espanhola, servindo junto aos milicianos, fora alvejado com um tiro no pescoço que quase lhe custou a vida. Ver o livro *Lutando na Espanha* (Editora O Globo, 1986).

reposicionamento de seus ideais promovidos posteriormente. Ciente disso, me desculpo pela não aplicação de alguns conceitos em detrimento de outros, certo de que as possibilidades são abrangentes, embora o intuito seja o de esclarecer alguns aspectos, ou ao menos tentar esclarecê-los.

Capítulo 1 - George Orwell: Um intérprete de tempos sombrios

A maior potência mundial do séc. XIX até as primeiras décadas do séc. XX, foi, sem dúvida, a Grã-Bretanha. O aprofundamento do Imperialismo e a prática de tal política foram sistematicamente sendo enraizados no imaginário social do Império Britânico, e em todo seu território, teciam-se louvores ao mesmo; sua importância era reconhecida pelos setores dominantes e pela burguesia, e através da imprensa escrita fomentava-se o orgulho de fazer parte de tal potência. A 2ª Revolução Industrial propiciara enormes níveis de produção e reafirmara a necessidade de procurar por novas fontes de matérias-primas mercados em outros continentes, já que nessa fase do desenvolvimento do capitalismo mundial, outros países europeus seguiam o mesmo rumo de desenvolvimento e necessidade de expansão. Em decorrência dessas disputas por mercados cada vez mais acirrados, o protecionismo se tornou uma prática recorrente e fator de tensionamento do sistema internacional.

A dominação da Grã-Bretanha na Ásia, África e até mesmo na América Latina e no Canadá necessitava também um corpo técnico e militar para o funcionamento desta superestrutura. O próprio crescimento demográfico decorrente do auge da Era Vitoriana gerou o contingente para essa demanda. Orwell é fruto dessa demanda, já que nasceu na Índia, na cidade de Motihari, Bengala, em 25 de junho de 1903. Nesse sentido, cabe expor alguns dados biográficos de Eric Blair para buscar as respostas de seus questionamentos.

Seu pai, Richard Walmesley Blair, fora oficial do Departamento de Ópio do Serviço Público Indiano e seu avô vigário de Milborne St. Andrew. Orwell sempre considerou a si e sua família como classe média, ou nas palavras do autor, “lower-upper-middle-class”, uma classe abaixo da alta classe média. Segundo Ricardo Bonalume Neto,

[...] nesta definição ele pretendia encaixar uma determinada camada da sociedade inglesa que teve seus dias de glória durante o período de prosperidade que foi o reinado da rainha Vitória, e que sobrevivia a duras penas no século XX. Este tipo de família não tirava suas tradições e pretensões de *status*.¹⁹

19 NETO, Ricardo Bonalume. *George Orwell: a busca pela decência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 15.

Sendo originário dessa classe, entre 1908 e 1911, Eric Blair frequentou um externato católico romano. Posteriormente estudara em um conceituado colégio particular, *St. Cyprian*, de 1911 à 1916, experiência narrada em seu ensaio *Tamanhas eram as alegrias* (Such, Such Where the Joys)²⁰. A condição de uma classe média se evidencia quando Orwell rememora a sua infância neste texto escrito por volta de 1940. Nele o autor descreve, por exemplo, os “tipos” de pessoas que frequentavam o Colégio: ou eram alunos abonados, ou eram alunos bolsistas, já que o Colégio se beneficiava desta situação, pois pertencia a categoria dos Colégios Preparatórios para as *School Publics* (na prática, nada tem de “públicas”, pois são escolas particulares). O ambiente interno de *St. Cyprian* era permeado de hierarquia, disciplinas e regras, com um sistema educacional engessado e uma posição até mesmo autoritária, por parte de professores e diretores, notadamente com castigos físicos. Mais do que isso, o próprio convívio com outros meninos gerava preconceito devido à origem. Os abastados aproveitavam-se de seu prestígio econômico frente à condição de bolsistas dos demais, que pouca voz tinham nesse meio, estes últimos, menos privilegiados em termos sócio-econômicos, acabavam sendo alvos de discriminação, prática recorrente dos demais colegas, diretores e professores.

Orwell acaba sendo destaque do Colégio e consegue entrar no tradicional *Eton College*, em maio de 1917. A tradição, as classes, os preconceitos de classe, a exploração e o imperialismo, são marcas que estarão presentes em Orwell por toda sua vida.

1.1 – O autor no seu contexto

O posicionamento político e social de George Orwell começa a tomar forma, de fato, quando serve na Guarda Imperial Britânica, atuando na Birmânia (atual Mianmar). O fato de ele ter se defrontado com a exploração levado a cabo pelo Império Britânico fez com que ele tomasse consciência de sua participação no sistema colonialista. Essa experiência influenciou sua visão de mundo e seus ideais políticos, que seriam maturadas em momentos posteriores. É interessante observar uma carta que Orwell escreveu para Richard Usborne, editor do periódico literário *The Strand*. Usborne escrevera-lhe com a finalidade de que Orwell contribuísse para a publicação

20 A versão brasileira deste ensaio encontra-se no livro *Como morrem os pobres e outros ensaios* (Companhia das Letras, 2011).

contando um pouco de sua experiência de vida. A resposta fora-lhe emitida no dia 26 de agosto de 1947, na Ilha de Jura:

Nasci em 1903 e estudei em Eton, onde tive uma bolsa de estudos. Meu pai era funcionário público na Índia e minha mãe também vinha de uma família anglo-indiana, com vínculos especialmente com a Birmânia. Depois de sair da escola, servi cinco anos na Polícia Imperial na Birmânia, mas como o trabalho era totalmente inadequado para mim, pedi demissão quando vim de licença para casa, em 1927.²¹

Os cinco anos lá vividos foram de importantes experiências. O cotidiano imperialista frequente nas posições entre amos e subalternos se evidenciava no trato com os nativos, na diferenciação de classes e na condição de agente do Império. Desta experiência, ensaios importantes como *Um Enforcamento* (1946) e *O abate de um Elefante* (1936), nos conferem o teor das situações vivenciadas e o posicionamento do autor:

Em Moulmein, na Baixa Birmânia, eu era detestado por um grande número de pessoas – a única vez na vida que fui importante o suficiente para isso acontecer comigo. Eu era policial de subdivisão na cidade, e, de maneira mesquinha e aleatória, o sentimento antieuropeu era bastante acrimonioso. [...] Como policial, eu era alvo óbvio, importunado toda vez que podiam fazer isso com segurança. [...] Tudo isso era desconcertante e perturbador, porque naquela época eu já tinha concluído que o imperialismo era algo maligno e que quanto antes eu renunciasse ao emprego e saísse dali, tanto melhor. Na teoria – e, claro, no íntimo – eu era a favor dos birmaneses e contra os opressores, os britânicos.²²

As tarefas executadas na Polícia Imperial conferiam um caráter perverso aos nativos, como sintetiza Neto: “Seu serviço era sujo, ainda mais que mesmo um ladrão que eles prendiam não se enxergava como um criminoso, mas sim como uma vítima de um país invasor”²³. Mais do que os ensaios escritos, Orwell traça uma contundente crítica ao Imperialismo em seu livro *Dias na Birmânia* (*Burmese Days*, 1934), inspirada na estadia em Birmânia, apesar de ser um livro ficcional.

A visão crítica de Orwell pode ter sofrido uma grande mudança depois de ele ter visto e vivido a exploração dos nativos na colônia birmanesa. Mesmo no *Eton College*, o próprio se considerava socialista, ainda que de forma incipiente e bastante distante da classe trabalhadora.

21 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 13.

22 ORWELL, George. *Dentro da baleia e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 60-61.

23 NETO, Ricardo Bonalume. *George Orwell: A busca pela decência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 28.

Contundo, é evidente que a volta à Inglaterra em 1927 marca uma profunda reviravolta na vida de Orwell. É nesse período que ele começa a observar mais de perto a dura realidade das classes baixas, primeiro apenas como observador dos mendigos, andarilhos, depois, com o empreendimento, de fato, na carreira de escritor e sua decisão de ir à França – o segundo capítulo deste trabalho trata dessas questões –; posteriormente, essa percepção se aprofunda como decorrência do contato e convivência com operários, mineiros de carvão, colhedores de lúpulo. O retumbar dessas experiências parece guardar uma espécie de compromisso ético e moral em virtude do posicionamento que Orwell empregara optando pelo serviço na Polícia Imperial, quase uma maneira de se redimir pela sua participação como autoridade legitimadora da dominação europeia.

De qualquer modo, o posicionamento político de Orwell vai se formando no escopo de sua geração. No que concerne à questão da formação intelectual do autor, e remetendo ao fator de sociabilidade citado por Sirinelli, em que o autor coloca que para tal estudo é necessário inventariar as “solidariedades de origem, por exemplo, de idade ou de estudos, que constituem muitas vezes a base das ‘redes’ de intelectuais”²⁴, cabe destacar alguns contemporâneos de Orwell, que com ele conviveram ou se relacionaram de alguma forma²⁵. Entre eles, destacam-se Cyril Connolly, que estudou em *St. Cyprian* e no *Eton College* com ele e se tornou crítico literário e escritor, T.S. Eliot, Geoffrey Gorer – antropólogo social e autor de vários livros –, Rayner Heppenstall, crítico, romancista e historiador do crime. Também conviveu com Inez Holden, romancista, contista, jornalista e radialista; Arthur Koestler, autor de *O zero e o infinito*, que Orwell resenhara, Henry Miller, quem viveu em Paris nos anos 30, autor de *Trópico de Câncer* e *Trópico de Capricórnio*, escritos em 1934 e 1938 (Orwell escreve uma carta para Miller em que trata destes livros e fala sobre os seus)²⁶. Orwell também teve importante contato com R. N. Rimbault, tradutor de *Na pior em Paris e Londres* para a versão francesa, além de ser um destacado tradutor de William Faulkner.

Considerando o ambiente político e cultural do qual George Orwell fazia parte, cabe uma reflexão sobre o papel dos intelectuais em uma sociedade de classe.

24 SIRINELLI, Jean-François. Intelectuais. In REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 250.

25 A referência às personalidades relacionadas foram extraídas de recente livro com tradução para o português, *Uma vida em Cartas* [Companhia das Letras, 2013], com seleção e anotações da edição original de Peter Davison, seleção à edição brasileira de Mário Sérgio Conti e tradução de Pedro Maia Soares.

26 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 94.

Nesse sentido, cabe ressaltar o posicionamento de Antonio Gramsci a respeito da formação do intelectual:

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, “persuador permanente”, já que não apenas orador puro [...].²⁷

Assim, a formação pelo meio social do autor se evidencia quando da partida de Orwell para a França. Paris era o centro da literatura ocidental nos anos 20-30. Basta lembrar do livro de Ernest Hemingway, *Paris é uma Festa* e toda a convivência e florescimento cultural da dita “Geração Perdida”, da qual fazem parte, também, Gertrude Stein, John Steinbeck, Franz Scott Fitzgerald, entre outros. A sua inserção neste campo de atuação aguçar a sua observação da realidade, inspiração constante do autor para exprimir no papel as palavras que lhe saltavam aos olhos sob as situações vivenciadas.

A formação intelectual de Orwell, pelo que se percebe até aqui, se dá nos moldes de grandes personalidades do seu tempo. O *Eton College*, notadamente, é uma das grandes *scholl publics* do Reino Unido, por onde haviam passado várias personalidades políticas de destaque²⁸. Porém, Orwell, nesse lugar, vive a condição de bolsista, com as limitações e discriminações que isso implica, pois tal condição é o reflexo de pertencer à classe média inferior, distante das classes médias altas. Essa questão permeia boa parte de sua formação, posto que o autor não se considerasse das classes altas, mas em detrimento da comparação com as classes baixas, seus trejeitos e costumes sofisticados sobressaíam. A consciência dos preconceitos de classes fica mais explícita na análise de *O caminho para Wigan Pier*, visto que o autor explora tal questão na segunda parte do livro.

Em contraposição a essa caminhada intelectual e política realizada por George Orwell, deve-se lembrar da inegável influência que Rudyard Kipling tem sobre o imaginário inglês do começo do século XX. Seus textos e poemas positivando “a missão do homem branco” na periferia planetária funcionaram como verdadeiras odes às ações imperialistas, particularmente na sua vertente colonialista. Para Orwell, Kipling foi o “profeta do Imperialismo” e um historiador não oficial do exército britânico²⁹.

27 GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 8.

28 Atualmente passaram pelo *Eton College* os príncipes William e Harry.

29 *The Complete works of George Orwell*.

Basta lembrar do conhecido poema *O Fardo do Homem Branco* (The White Man's Burden, 1899), onde Kipling coloca em versos, o ideário de conquistar outros povos:

Tomai o fardo do Homem Branco –
Envia teus melhores filhos
Vão, condenem seus filhos ao exílio
Para servirem aos seus cativos;
Para esperar, com arreios
Com agitadores e selváticos
Seus cativos, servos obstinados,
Metade demônio, metade criança.

Edgar de Decca coloca ainda outros exemplos de Kipling, como *As aventuras de Mowgli, o menino-lobo*, “que narra a educação de uma criança numa matilha de lobos” e que “ainda é a peça literária mais impressionante de tradução dos princípios de obediência do cidadão ao Estado poderoso e absoluto”, ou “os mirabolantes desejos expansionistas de dois aventureiros ingleses, apostando que poderiam ser reis em algum povo colonizado” na narrativa *O homem que queria ser rei*. Dessa forma, os poemas e romances de Kipling passavam a imagem aos leitores, de que

O mundo parecia não ter fronteiras e o homem urbano europeu, que sonhava aventuras arrebatadoras, acreditava que a expansão não tinha limites. Esse homem, que olhava mapas imaginando uma Europa expansionista e civilizadora dos povos, tinha no romance de aventuras a possibilidade de sonhar com uma vida diferente da sua [...].³⁰

A conquista dos corações e mentes acaba sendo sobrepujada pela experiência adquirida de Orwell, de modo que a crítica aos próprios costumes ingleses será tenaz, com a consciência das vilanias dos homens que sobrepujavam os menos favorecidos. Segundo aponta Hitchens:

Sua arraigada oposição ao imperialismo é um tema forte e coerente em tudo o que ele escreveu. Podia assumir formas contraditórias – ele apreciava o verso de Kipling que falava sobre “zombar dos uniformes que o guardam enquanto você dorme”, palavras que a seu ver captavam a hipocrisia de boa parte do liberalismo bem nutrido –, mas de modo geral, asseverava que toda “extorsão” colonial promovia a corrupção dos britânicos e a degradação dos colonizados.³¹

³⁰ DE DECCA, Edgar. O Colonialismo como a glória do império. In. REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZANHA, Celeste (org.). *O Século XX: O tempo das certezas – Da Formação do Capitalismo à Primeira Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 19.

³¹ HITCHENS, Christopher. *A vitória de Orwell*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 32.

O que torna interessante de observar em Orwell é a sinceridade permeada em toda sua obra. Ao mesmo tempo em que podia observar os costumes ingleses de toda pompa e etiqueta possível, a simplicidade das relações e os contatos com as pessoas da “ralé” também se faziam presente em seus escritos.

Na pior em Paris e Londres e O caminho para Wigan Pier mudaram a concepção ultrajada de preconceitos de sua classe. No entanto, é somente após lutar na Guerra Civil Espanhola que o autor se posicionará, de fato, para uma concepção socialista de mundo, depois de observar os piores exemplos tanto da direita imperialista, quanto da esquerda stalinista.

1. 2 – Pensamento crítico multifacetado

É importante frisar a formação e percurso intelectual de George Orwell para desenvolver sua atuação. O “reconciliamento” do autor para com as classes subalternas depois da estadia na Birmânia diz muito do posicionamento político que o autor encarara. Em *O caminho para Wigan Pier*, Orwell ressalta essa questão:

Fiquei cinco anos na polícia indiana, e ao final desse período odiava o imperialismo ao qual eu estava servindo com uma amargura que nem consigo explicar de maneira muito clara. [...] Para odiar o imperialismo, é preciso fazer parte dele. [...] A verdade é que nenhum homem moderno, lá no fundo do seu coração, acha certo invadir um país estrangeiro e subjugar a população à força.³²

Além disso, ressalta que não era necessário ir até a Birmânia para encontrar tirania e exploração. Diz ele: “Aqui mesmo na Inglaterra, bem debaixo dos nossos pés, estava a classe operária submersa, passando por sofrimentos que, à sua maneira, eram tão penosos como os que qualquer oriental jamais conheceu”³³.

Se é verdade que ele quis fazer parte da máquina colonial na Birmânia, não demorou muito para tentar voltar para a Inglaterra – no período de sua licença, em dezembro de 1927, pediu demissão da Guarda Imperial. O interesse do autor já havia mudado e sinais desta mudança puderam ser vistos em virtude de sua nova experiência com os andarilhos do leste inglês. É verdade que, num primeiro momento, era a família quem garantia sua moradia e sobrevivência; em suas primeiras peregrinações atuava como observador e depois voltava para casa onde lhe era garantia e estabilidade. Porém,

32 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 166.

33 *Ibidem*, p. 171.

não demoraria em evidenciar-se a sua busca autônoma por situações realmente adversas, ou seja, aguçava-se o perfil do intelectual preocupado com a realidade, com a compreensão da dinâmica social.

Nesse sentido, o termo “intelectual” possui diferentes acepções, no entanto, dois se sobressaem, segundo Norberto Bobbio:

Ao substantivo Intelectuais, podem ser atribuídos dois sentidos principais, aparentemente semelhantes mas substancialmente diferentes. Em primeiro lugar, ele designa uma categoria ou classe social particular, que se distingue pela instrução e competência, científica, técnica ou administrativa, superior à média, e que compreende aqueles que exercem atividades ou profissões especializadas [...] uma segunda acepção, mais vulgar na publicidade de atualidade literária e política, para a qual Intelectuais são os escritores “engajados”. Por extensão, o termo se aplica também a artistas, estudiosos, cientistas e, em geral, a quem tem adquirido, com o exercício da cultura, uma autoridade e uma influência nos debates políticos.³⁴

Certamente George Orwell se encontra na segunda acepção; além disso, tal perspectiva interage com o conceito de “intelectual orgânico” de Antônio Gramsci, conforme foi analisado na introdução deste trabalho.

Ainda que o conceito de intelectual orgânico possa ser um tanto quanto difícil de se relacionar com a posição de Orwell, características importantes de sua imersão nas classes subalternas tomam conta para suas posições políticas e ideológicas, ao que o autor se considerava “socialista democrático”³⁵, por exemplo. Quando fala de suas experiências no norte carvoeiro da Inglaterra, ele ressalta:

Isso tudo foi necessário para formar minha visão de socialismo. Pois, antes de alguém ter certeza se é genuinamente a favor do socialismo, tem que decidir se a situação é tolerável ou não, e tem que adotar uma atitude bem definida acerca da questão, terrivelmente difícil, das classes sociais.³⁶

Assim, o engajamento político de Orwell é evidente nas posições que defende e enfrenta. Mesmo em seus ensaios escritos nos anos 40, ao descrever as lembranças da Birmânia, o relato não é isento de um ativismo, basta notar o reconhecimento sobre a existência de um complexo sistema de exploração.

Mas é em Paris onde ocorre a reviravolta literária na vida do autor. Lá ele lança seu primeiro ensaio para a revista *The Adelphi*, *O Albergue* (The Spike, 1931),

34 BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Editora da UNB, 1992, p. 637.

35 Pelas próprias palavras do autor, ainda que o mesmo não tivesse aprofundado o conceito em sua obra.

36 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 143.

fruto de sua experiência nos albergues ingleses (que será visto no capítulo 2). Outro ensaio bastante lembrado é o *Diário da colheita de lúpulo* (Hop-picking diary, 1931):

Logo se pega o jeito do trabalho, e as únicas dificuldades são de ficar de pé (em geral, fica-se de pé dez horas por dia), as pragas dos piolhos da planta e o dano causado às mãos. [...] Quando se começa a trabalhar, a fazenda dá uma cópia impressa das regras, criadas para reduzir o colhedor a mais ou menos um escravo. De acordo com essas regras, o fazendeiro pode demitir um colhedor sem aviso prévio e sob qualquer pretexto [...].³⁷

Escrito em forma de diário, o relato demonstra a exploração dos trabalhadores antes mesmo da crítica mais contundente que viria em *Wigan Pier*. Nesse livro podemos relacionar, sobremaneira, o perfil de George Orwell como intelectual orgânico, o que não significa ignorar ou deixar de lado sua produção anterior.

Retornando de Paris, em dezembro de 1929, Orwell acumula uma boa quantia de experiência para fomentar suas criações. *Na pior em Londres e Paris* é seu primeiro livro a ser publicado (1933), mas nesse meio tempo, as vivências se acumularam e sua produção passou a ser constante. Em abril de 1932, Leonard Moore, por indicação de Mabel Fierz³⁸, passou a ser seu agente literário e a acompanhar a sua trajetória³⁹. De abril de 1932 a julho de 1933 lecionou em uma escola particular em Hayes, Middlesex, sudeste da Inglaterra; nesse período escreveu até mesmo uma peça teatral para apresentar com seus alunos⁴⁰.

O percurso de Orwell se entrelaça, também, com as resenhas para os jornais e revistas dos quais estava ligado, como *The Adelphi*, *Monde*, *Times*, *Observer* e uma série de periódicos através dos quais o autor mantinha uma postura combativa frente às desigualdades e aos pensamentos de extrema direita. Em carta escrita para Jack Common⁴¹, datada de 17 de março de 1936, o autor tece críticas frente à política empregada pelos governantes:

37 ORWELL, George. *Como morrem os pobres e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 69, 70, 72.

38 Uma nota da edição de *Uma vida em cartas* [p. 45] cita a importância de Fierz: “Orwell morou com os pais em Southwold, mas fez incursões vagabundeando e escrevendo o que viria a ser *Na pior em Paris e Londres*. Quando visitava Londres, ficava com Francis [Fierz] e Mabel Sinclair Fierz em Golders Green. A sra. Fierz fazia resenhas para *The Adelphi* e seu marido era um entusiasta de Dickens. Ela foi fundamental para que *Na Pior* fosse publicado e Leonard Moore aceitasse ser agente literário de Orwell.

39 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 445.

40 *Ibidem*.

41 Jack Common (1903-68) era um operário de Tyneside que trabalhou para a *The Adelphi* de 1930 a 1936, primeiro como vendedor, depois como editor assistente, e a partir de 1935-6 como coeditor, com Sir Richard Rees. Escreveu vários livros e Crick o classificou como “um dos poucos escritores

Ouvi Mosley⁴² falar aqui no domingo. Dá vontade de vomitar ver com que facilidade um homem desse tipo pode conquistar e enganar a classe trabalhadora. Houve alguma violência dos camisas-pretas, como sempre, e vou escrever ao *Times* sobre isso, mas como esperar que eles publiquem minha carta?⁴³

O posicionamento combativo não se fazia presente apenas nas cartas direcionadas a seus amigos. Frequentemente, Orwell respondia aos jornais e publicações que por algum motivo ou outro o atacavam ou propagavam informações que ele considerava falaciosas. Um dos casos mais emblemáticos desse posicionamento pode ser observado na experiência do autor na Guerra Civil Espanhola.

Orwell entrou para frente de batalha da milícia do Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM) em fins de 1936, em Barcelona, e dali partiu para Sietamo, próximo de Saragoça. O POUM era um partido marxista distanciado da tradição dos partidos comunistas pró-soviéticos, dessa forma, o embate acabava ocorrendo também contra o próprio Partido Comunista da Espanha e sua seção catalã, o Partido Socialista Unificado da Catalunha (PSUC). Sob o direcionamento da URSS, o Partido Comunista freava o andamento da Revolução, com a finalidade de evitar que o poder ficasse nas mãos dos trabalhadores. Dessa forma, o inimigo não era somente o fascismo de Franco, mas os próprios comunistas que seguiam as diretrizes de Moscou.

A respeito da imprensa, naquele momento vários jornais internacionais colaboravam para o Partido Comunista. Em Nova York havia o *Daily Worker*, na Inglaterra o *Daily Mail*. Dessa forma, é contundente a crítica de Orwell a respeito da informação que era propaga com fins políticos, note-se a passagem na qual Orwell comenta sobre a falta de imparcialidade e até de incoerência nas informações veiculadas pela imprensa internacional:

Não é coisa agradável ver um rapazinho espanhol, de quinze anos, sendo carregado da linha de frente em maca, com o rosto pálido espiando por cima dos cobertores, e pensar nas pessoas elegantes que, em Londres e Paris, escrevem panfletos destinados a provar que ele não passa de um fascista disfarçado. Um dos traços mais horríveis da guerra é que toda a propaganda

ingleses autenticamente proletário”. [Nota de Peter Davison. In. ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 465.]

42 Sir Oswald Mosley, Bt. (1896-1980), foi sucessivamente conservador, independente e deputado pelo Partido Trabalhista. Em 1931, rompeu com o Partido Trabalhista para formar o Partido Novo. Mais tarde, tornou-se próximo da onda fascista que varria a Europa e transformou seu partido na União Britânica de Fascistas. Seus seguidores eram conhecidos como camisas-pretas. [Nota de Peter Davison. *Ibidem*, p. 90]

43 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 90.

guerreira, todos os gritos e mentiras e ódio, vem invariavelmente de pessoas que não estão lutando.⁴⁴

Ou seja, a disputa da hegemonia pelo Partido Comunista na Espanha gerava uma série de impropérios aos milicianos, dado que os ataques subsidiados pela imprensa acabavam ganhando repercussão muito maior do que os jornais do POUM.

Nesse sentido, ainda a carta escrita em 15 de setembro de 1937, para Geoffrey Gorer, outro amigo seu, dá ideia da dimensão dos problemas enfrentados na Espanha:

Os relatos dos tumultos de maio em Barcelona, em que tive a infelicidade de estar envolvido, batem tudo o que já vi em termos de mentira. Aliás, o *Daily Worker* vem me perseguindo pessoalmente com as calúnias mais imundas, chamando-me de pró-fascista, etc., mas pedi a Gollancz [seu editor na época] para silenciá-los, o que ele fez, sem muito boa vontade, imagino.⁴⁵

O alistamento na milícia do POUM marcou significativamente a vida de Orwell posteriormente, já que em vários momentos é notável o engajamento do autor para revidar às falsas acusações e demonstrar o quanto as esquerdas na Espanha estavam sendo perseguidas. Em carta para Raymond Mortimer (editor do *The New Statesman and Nation*), datada de 9 de fevereiro de 1938, Orwell ressaltaria ainda que

Nada é mais odioso para mim do que me envolver nessas controvérsias e escrever, por assim dizer, contra pessoas e jornais que sempre respeitei, mas a gente precisa perceber que tipos de questões estão envolvidas e a grande dificuldade de conseguir que a verdade seja ventilada na imprensa inglesa.⁴⁶

No final do mês de junho de 1937, Orwell e sua esposa, Eileen O'Shaughnessy, precisaram fugir da Espanha, correndo sérios riscos de serem presos e até mortos, em virtude da ligação de Orwell com o POUM⁴⁷. Não menos intensa seria a combatividade do autor frente suas posições ideológicas.

Em fins de 1937, Orwell teria sido convidado por Desmond Young, editor do *The Pioneer*, para trabalhar na Índia⁴⁸. No entanto, em março de 1938, uma crise

44 ORWELL, George. *Lutando na Espanha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 69.

45 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 132.

46 *Ibidem*, p. 147.

47 Em 13 de julho de 1937, um informe ao Tribunal para Espionagem e Alta Traição, localizado em Valência, “acusa os Orwell de 'trotskistas raivosos' e de agentes do POUM”. No consequente julgamento, em outubro-novembro de 1938, seu amigo Jordi Aquer é condenado a onze anos de prisão. [Peter Davison. In. ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. *Ibidem*, p. 447]

48 A referência utilizada é observada no livro *Uma vida em cartas*, p. 447. Já o escritor Christopher Hitchens coloca outra versão: “Um editor liberal na Índia queria contratá-lo como redator editorial do

pulmonar assola o autor. Em realidade, era uma lesão tuberculosa. Uma carta de Eileen O'Shaughnessy, escrita entre 14 e 15 de março de 1938 e enviada para o amigo da família, Jack Common, demonstra a preocupação que essa situação ocasionou

Caro Jack,
Você provavelmente já soube do drama de ontem. [...] O sangramento parecia disposto a continuar para sempre e no domingo todos concordaram que Eric deveria ser levado a algum lugar onde realmente fosse possível tomar medidas ativas, se necessário – pneumotórax artificial para estancar o sangue ou transfusão para substituí-lo. [...] Eric está um pouco deprimido por estar numa instituição concebida para o assassinato, mas afora isso, está incrivelmente bem. Não precisa ficar muito tempo, dizem eles, mas o especialista tem uma espécie de esperança que possa identificar o local exato da hemorragia e controlá-lo para o futuro.⁴⁹

A previsão a respeito da permanência no hospital não se confirmou, já que Eric Blair deu entrada no hospital em março e só saiu em setembro de 1938. Vale lembrar que no período em que esteve em Paris, ele também fora internado em virtude de uma pneumonia.

Em virtude da tuberculose, Orwell e Eileen partem para uma estadia no Marrocos, cerca de seis meses, em virtude do clima mais favorável. Com um título sugestivo pela sua situação, lá escreve o romance *Um pouco de ar, por favor!* (Coming Up for Air, 1939). Nele, Orwell traz uma visão dos costumes ingleses do fim da era vitoriana até o ambiente conturbado do entreguerras.

Enquanto escrevia seus ensaios, a Segunda Guerra irrompia. Diante das novas situações em 1940 começou a trabalhar na BBC, onde exerceu uma série de atividades, tais como entrevistas, programas radiofônicos para a Índia e Sudeste da Ásia, peças para programas infantis e, tempos depois, até mesmo adaptações do livro *A Revolução dos Bichos*.

No entanto, não apenas a Segunda Guerra Mundial tornava os tempos mais difíceis. Em 1945, ano de lançamento de *A Revolução dos Bichos*, ele perdeu sua esposa em virtude de uma anestesia mal aplicada. Viúvo e com seu filho adotado pequeno, passa por muitas dificuldades e trabalha incessantemente para não se deixar dominar pelo remorso e angústia da perda prematura de sua esposa. Orwell trabalhava no jornal

jornal *Pioneer*, da cidade de Lucknow, e escrevera às autoridades em Londres pedindo conselho. Recebeu em troca uma obra-prima de elegância burocrática, composta por A.H. Joyce, diretor de informação do Índia Office [Departamento Britânico responsável pela Administração na Índia]". O comunicado dizia para o editor estar preparado para a postura não só esquerdista do escritor, mas provavelmente extremista. [HITCHENS, Christopher. *A vitória de Orwell*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 34].

49 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 151.

britânico *Observer* de David Astor desde 1942. Percebendo a difícil situação do escritor, Astor oferece uma casa numa localidade remota da Escócia. Com uma vida simples, com a saúde comprometida, mas longe da turbulência de Londres, Eric Blair sente-se mais a vontade para escrever seu novo romance. Com uma vida solitária, sua estatura alta e magra, já nos remete ao personagem principal de *1984*, Winston Smith. Em uma de suas pescarias com seu filho, irmã e vizinhos, o barco em que estava é acometido por um redemoinho que o faz cair nas águas gélidas da região, fato que piorou consideravelmente sua saúde e a presença da tuberculose. A doença, na época, não tinha cura, e assim Orwell é levado a uma experiência com um tipo de remédios (ao que parece, estreptomomicina) que o fez perder cabelos, unhas dos pés e mãos, além do surgimento de úlceras na garganta e na boca. O resultado foi apenas imediato. Uma carta do médico Bruce Dick, que cuidava de Orwell no Sanatório Cotswold, enviada para David Astor em 5 de janeiro de 1949 atenta para o tratamento:

Creio que a doença vai responder novamente a um tratamento com estreptomomicina. Ela agora pode ser obtida com mais facilidade. Por certo, não há nenhuma outra forma de tratamento disponível. É uma grande má sorte para caráter tão fino & homem talentoso. Sei que ele ganha grande ânimo com sua amizade & bondade contínua.⁵⁰

No final de 1948, entregara o livro *1984* datilografado a seu editor. O livro é lançado em junho de 1949, já com status de obra-prima, sendo elogiado por Churchill e Aldous Huxley. Orwell ainda se casa no final de 1949, com Sônia Brownel no hospital, mas sua alegria é curta. Em janeiro de 1950, sofre uma hemorragia e morre no leito hospitalar.

É difícil delimitar todos os aspectos inerentes à atuação de George Orwell. À luz de suas maiores obras, *A Revolução dos Bichos* (*Animal Farm*, 1945) e *1984* (*Nineteen Eight-Four*), a contribuição do autor sob a ótica do “intelectual orgânico” de Gramsci é notada na combatividade e denúncia contra as injustiças e no ideário de um socialismo contrário ao stalinismo. Os meios para isso eram seus escritos. A denúncia e as constantes posições marcantes frente à imprensa e a política, eram a forma de demonstrar o engajamento nas questões de seu tempo. Mais do que isso, o autor se mostra como um grande intérprete e testemunha de sua realidade, além de sua visão à frente do seu tempo, em virtude das discussões que *1984* proporcionaria, como por exemplo, o totalitarismo, as técnicas de controle e manipulação e a repressão. Não

50 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 402.

obstante, os aspectos pertinentes à exploração das classes subalternas observados nas obras do autor, corroboram o posicionamento a favor daqueles, como se tratará de demonstrar nos capítulos 2 e 3.

1.3 – O autor e sua obra

Como dito anteriormente, George Orwell escreveu sobre os mais variados assuntos. Suas compilações de ensaios lançados nos últimos anos em novas edições brasileiras trazem à luz ensaios antes somente disponíveis em inglês ou outros idiomas.

A respeito de sua obra não ficcional, os livros citados já demonstram o contexto e as discussões suscitadas. É interessante observar que ao mesmo tempo em que os livros não ficcionais por si só seriam fontes de sua autobiografia, os seus romances também carregam características de suas experiências. Seu segundo livro, *Dias na Birmânia* (*Burmese Days*, 1934) foi claramente escrito em virtude do seu serviço na colônia inglesa. Outro de seus romances, menos conhecido, é *A Filha do Reverendo* (*A Clergyman's Daughter*, 1935), em que a relação pode ser em virtude de seu avô ter sido reverendo na Inglaterra⁵¹.

Já o romance *A Flor da Inglaterra*, ou em versão mais antiga, *Mantenha o Sistema*, (*Keep the Aspidistra Flying*, 1936), fala de um homem em crise com a sociedade e que decide romper com o “deus-dinheiro”. O personagem, Gordon Comstock, trabalha em uma livraria e ganha o mínimo para sobreviver. O dinheiro é gasto em aluguel, chá, comidas (poucas) e no seu relacionamento com Rosemary. No entanto, Rosemary engravida e ele então é obrigado a voltar para a lógica mecanicista do sistema, ganhar dinheiro para prover sua família, trabalhando em um emprego que ele não gosta.

Orwell trabalhara em uma livraria nos anos 30, possivelmente o cenário para tal romance, e as condições financeiras nunca foram muito solucionadas. Segundo Peter Davison, no prefácio de *Uma vida em cartas*,

Orwell estava frequentemente pobre – ver suas cartas em resposta a pedidos de Jack Common de pequenas quantias de dinheiro quando Orwell estava no

51 Thomas Arthur Blair foi vigário de Milborne St. Andrew [DAVISON, Peter. In: ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 443]. Além disso, tal referência é notada na biografia de Orwell escrita por David John Taylor, *Orwell: The Life*. [Henry Holt and Company, 2003].

Marrocos francês. Ele fala mesmo de ter sobrevivido grande parte de 1936 em The Stores comendo batatas.⁵²

Em 1939, escreve o já citado *Um pouco de ar, por favor!* (Coming Up for Air), além de inúmeros ensaios nos anos 40, auge de sua produção ensaística.

A Revolução dos Bichos e *1984* da mesma forma guardam relações com sua vida. *A Revolução dos Bichos* foi fruto de sua desilusão com os Partidos Comunistas e o stalinismo. A reviravolta do comunismo que se evidenciava como uma via alternativa para a exploração demonstrou ser o inverso da lógica preterida e mais do que isso, se assemelhou à políticas vigentes em muitos aspectos. A decepção em Orwell se deu em virtude da experiência narrada em *Lutando na Espanha* (1938), com uma sistemática perseguição aos partidos e organizações de esquerda. A caricatura do porco Napoleão na figura de Stálin e de Bola-de-Neve na de Trotski se torna quase evidente. Quando do início da “Revolução”, Bola-de-Neve acaba sumindo da fazenda, e é tido como inimigo. O mesmo ocorreu com Trotski, e a simples pronúncia de seu nome era motivo de desconfiança. Basta notar a grave acusação de uma pessoa ser “trotskista” no período da Guerra Civil⁵³.

No contexto da Guerra Fria, podemos notar outra evidência da realidade vivida pelo autor e sua obra. Em *1984*, o mundo era dividido em três grandes áreas: Oceania, Eurásia e Lestásia. De acordo com a descrição de Orwell, em *1984*

A Eurásia compreende a totalidade da parte norte dos continentes europeu e asiático, de Portugal ao estreito de Bering. A Oceania inclui as Américas, as ilhas atlânticas – inclusive as britânicas –, a Austrálásia e a parte sul da África. A Lestásia, menor que as outras e com uma fronteira ocidental menos definida, inclui a China e os países ao sul da China, as ilhas do Japão e uma parcela grande, mas flutuante, da Manchúria, da Mongólia e do Tibete.⁵⁴

As três potências tinham poderes suficientes para manterem os seus territórios, ainda que com alguma fluidez de fronteiras. Entretanto, para os membros do Partido, o IngSoc (pode ser levado como uma metáfora de um “socialismo inglês), o importante era saber que um dos megabloco era inimigo e o outro aliado. Winston, a cada tempo, fazia parte do grupo de pessoas que trabalhavam constantemente para apagar o passado e reescrever o presente. Eurásia segundo se lembrava Winston, havia sido em determinado momento inimiga, mas tempo presente era aliada; o contrário

52 DAVISON, Peter. In: ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 18.

53 Como por exemplo, o caso dos companheiros do POUM, e mesmo o relatório que fichava o casal Blair. Ver nota 47.

54 ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 221.

ocorria com a Lestásia. Dessa forma, um dos slogan do Partido era repetidamente lembrado: “Quem controla o passado controla o futuro, quem controla o presente controla o passado”. Ou seja, não existia e não deveria existir História. O importante era o mecanismo inalterável do sistema totalitário, amalgamado em uma estrutura consolidada e intransponível.

Nesse sentido a referência à realidade vivida por George Orwell revela, por exemplo, uma crítica ao acordo político observado na Segunda Guerra Mundial, principalmente entre Alemanha nazista e URSS, como o Pacto Molotov-Ribbentrop. Consequentemente, a influência dos EUA como força propulsora dos agouros e temores provocados pela máquina de guerra dava tom ao panorama das potências de *1984*.

Possibilidades para traçar paralelos entre autor, obra e seus contextos não faltam. Por ora, a extensão do primeiro capítulo tentou abarcar uma parte destas possibilidades, sem esquecer a dificuldade de manter uma cronologia ou uma correlação entre os assuntos tratados. Nesse sentido, os próximos capítulos tentam responder as questões apontadas pela trajetória do escritor.

Capítulo 2 – Na pior em Paris e Londres

As desventuras econômicas não são sentidas apenas nos momentos de crise. Ainda hoje uma grande quantidade de pessoas sobrevive em situações de extrema pobreza. Nos grandes centros, talvez ainda exista uma maior concentração de pessoas desempregadas ou vivendo com muito pouco – a exemplo da referência de Orwell, que em Londres a pobreza era mais evidente que nos bairros miseráveis dos operários do norte. São os setores populares que mais sentem o peso da exploração do sistema capitalista, de tal modo que às vezes as situações de abusos pela burguesia causam espanto e indignação sendo necessárias pessoas de outros meios sociais denunciarem estas ações. Um exemplo recente desse tipo de denúncia é o da jornalista norte-americana Barbara Ehrenreich, que em seu livro *Miséria à americana: vivendo de subemprego nos Estados Unidos*⁵⁵, demonstra situações de exploração nos EUA.

No posfácio da edição brasileira de *Na pior*, Sérgio Augusto escreve que o livro de Ehrenreich foi bastante elogiado, inclusive tornando-se best seller, mas nos comentários críticos que leu, não encontrou referências à experiência pioneira de George Orwell como pobre, subempregado e desempregado, em Paris e Londres. E ainda acrescenta que

Era mais uma prova de que *Na pior em Paris e Londres* se perdera, injustamente, na memória do tempo, soterrado pelo maior peso da ficção orwelliana, notadamente pela fortuna crítica e popular de *1984* e *A Revolução dos Bichos*. Mas é indiscutível que Ehrenreich inspirou-se em *Down and Out in Paris and London* para viver na pior na Flórida, no Maine e em Minnesota.⁵⁶

Se a autora se inspirou em Orwell, não se sabe, mas inegavelmente o intento precursor do autor é referência para os trabalhos jornalísticos que usam da experiência

55 Escrito em 2001, com o título original de *Nickel and Dimed: on (not) getting by América*, foi publicado pela editora Metropolitan Books de Nova Iorque. No Brasil foi lançado em 2004 pela Editora Record. Em resenha de Maria Camino, temos uma breve incursão do que trata o livro: “Durante um ano, em três diferentes Estados americanos, de regiões geográficas distintas, a escritora viveu a odisseia da população feminina de baixa renda americana, desde as agruras da procura de trabalho e moradia, às ginásticas inerentes a fazer não sobrar mês no final do salário e a driblar as dificuldades físicas respectivas, o cansaço, o desânimo e a dor muscular”. CAMINO, Maria Ester Mena Barreto. *Miséria à americana – vivendo de subempregos nos Estados Unidos*. Brasília: Cadernos Aslegis, v.36, jan./abr. 2009, p. 208

56 AUGUSTO, Sérgio. Posfácio. In: ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 242.

empírica. O fato de Sérgio Augusto lembrar que Orwell passara por uma experiência mais radical realça a experiência vivida em um período histórico tão conturbado. Sem dúvida, as crises cíclicas do capitalismo demonstram seu impacto sobre os setores populares; a crise de 1929 foi a expressão de um alto grau de exploração e dificuldades, em virtude da generalização da pobreza que as sociedades da época sofreram.

Nesse sentido, analisar o percurso de George Orwell, em suas investidas literárias nas áreas pouco observadas pelos setores sociais que não pertencem aos grupos populares, contribui no resgate de outras discussões que o autor pode oferecer como no que concerne à tentativa de que os exemplos e experiências daquele momento possam ser de utilidade para a realidade atual. Não obstante, independente dessa possibilidade fica a contribuição de Orwell, seja literária, seja jornalística, seja intelectual.

2.1 – Contexto histórico de uma época de crise

No sistema capitalista, as crises têm seu lugar definido na superestrutura não só nacional, mas mundial. Ainda hoje, a crise de 1929 foi o evento fundamental no que diz respeito à conjuntura que abarcou aquele contexto histórico. As inúmeras empresas e empresários que entraram em bancarrota, demonstraram a fragilidade do sistema, que alguns acreditaram não se restabelecer. Não apenas os membros das classes dominantes foram atingidos pelo *Crack* da bolsa de 1929, em grande medida, os trabalhadores foram os que mais sentiram o peso da crise, face à falta de soluções que deveriam ser empregadas pelos governantes.

Até o período do entreguerras, Inglaterra e França eram os maiores impérios mundiais. A Primeira Guerra Mundial abalou as estruturas das grandes potências e o reflexo desse momento turbulento foi sentido até a Segunda Grande Guerra. Os EUA que se lançaram como concorrentes diretos à disputa com as potências europeias, tiveram um êxito grandioso depois da Primeira Guerra Mundial, o que acarretou num grande desenvolvimento econômico, já que até a Europa se transformou em mercado para a sua produção; mais do que isso, necessitava dos EUA para a recuperação do pós-guerra. No entanto, esta superprodução dos EUA, e o restabelecimento das econômicas do velho mundo, contribuíram para a queda nos preços e desemprego em massa. O estopim da crise se deu na manhã do dia 24 de outubro de 1929, quando as ações na

Bolsa de Valores dos EUA caíram drasticamente, ocasionando um efeito dominó que foi sentido em toda economia mundial.

Nesse sentido, a análise da historiografia que estuda o período em questão, promove os significados, causas e consequências que foram presentes na crise dos finais dos anos vinte e meados dos trinta. Em detrimento da proposta do presente trabalho, o enfoque se dá na questão da exploração. Dessa forma, vale ressaltar a posição de Hobsbawm:

Para aqueles que, por definição, não tinham controle ou acesso aos meios de produção (a menos que pudessem voltar para uma família camponesa no interior), ou seja, os homens e mulheres contratados por salários, a consequência básica da Depressão foi o desemprego em escala inimaginável e sem precedentes, e por mais tempo do que qualquer um já experimentara. No período da Depressão (1932-3), 22% a 23% da força de trabalho britânica [...]. E, o que é igualmente relevante, mesmo a recuperação após 1933 não reduziu o desemprego médio na década de 1930 abaixo de 16% a 17% na Grã-Bretanha [...]. Não houvera nada semelhante a essa catástrofe econômica na vida dos trabalhadores até onde qualquer um pudesse lembrar.⁵⁷

As obras literárias deste período, de alguma forma ou outra trazem consigo os percalços das situações a que os trabalhadores estavam submetidos. Uma referência pertinente é Bertolt Brecht, que soube exprimir na manifestação do teatro as duras consequências de períodos turbulentos, como no livro *A Santa Joana da Casa dos Matadouros*, no qual retrata uma situação de greve em uma fábrica de enlatados de carne e uma questão da assistência social, não necessariamente do governo, mas de entidades que se dispunham a ajudar os desvalidos. Aliás, tal problemática também foi discutida por Hobsbawm, ao demonstrar a gravidade da crise:

O que tornava a situação mais dramática era que a previdência pública na forma de seguro social, inclusive auxílio-desemprego, ou não existia, como nos EUA, ou, pelos padrões de fins do século XX, era parca, sobretudo para os desempregados a longo prazo.⁵⁸

Destarte, cabe ressaltar que as experiências relatadas por Orwell dizem respeito não apenas às situações de exploração – marcas evidentes da lógica geral do sistema capitalista sobre os desfavorecidos –, mas guardam um sentido mais amplo em virtude do conturbado período em que foram vivenciadas. A percepção sobre os ânimos e desajustes permeados por um contexto de enormes e gravíssimas consequências

57 HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 97.

58 *Ibidem*.

econômicas e sociais, as quais estão explicitadas nas impressões relatadas pelo escritor, que atuou como conseqüente correspondente daquela época.

2.2 – Apresentação da obra

A ida para Paris foi de fato marcante para o começo da projeção literária de Orwell, pois na França o autor teve alguns ensaios publicados no começo dos anos 30.

Tendo a matéria-prima para a elaboração de seu primeiro livro, *Na pior em Paris e Londres*, o desafio recém começava. Havia percalços, já que não foi muito fácil encontrar uma editora que se interessasse pela sua proposta de livro. A primeira editora procurada por Orwell foi a Jonathan Cape, mas esta não se mostrou muito acolhedora para tal obra; ao contrário julgou-a demasiado curta e fragmentária. Orwell levou seus manuscritos, então, para T.S. Elliot, que na época estava na editora Faber & Faber, mas igualmente não teve boa sorte.

O reconciliamento só iria ocorrer com a ajuda de Mabel Sinclair Fierz, que o apresentou ao agente literário Leonard Moore. Os dois tornaram-se grandes amigos. Moore então entraria em contato com o editor socialista Victor Gollancz. Em carta escrita para Moore em 26 de abril de 1932, Orwell comenta,

Deixei o manuscrito que o senhor tem com a Sra. Sinclair Fierz e lhe pedi que jogasse fora, pois não achava que fosse um bom trabalho, mas suponho que, em vez disso, ela o enviou ao senhor. Eu ficaria obviamente muito satisfeito se o senhor pudesse vendê-lo, e é muito gentil da sua parte se dar ao trabalho de tentar. Nenhum editor o viu, exceto Faber e Cape. Se por acaso conseguir a sua aceitação, por favor cuide para que seja publicado sob pseudônimo, pois não me orgulho dele.⁵⁹

Vale ressaltar que é nesse primeiro livro que aparece o pseudônimo George Orwell, que aos poucos vai substituindo o nome de Eric Blair. Tal fato parece distanciar o autor de sua formação clássica, bem como das concepções ligadas ao seu passado. Até mesmo nas cartas, Eric passará a assinar como George Orwell.

O editor Victor Gollancz aceitou publicar o livro, embora com várias sugestões de correção, como a alteração de alguns nomes, a supressão de palavras e a exclusão de uma parte, que se referia à experiência no Hospital Cochin⁶⁰. O livro é lançado na Inglaterra em 9 de janeiro de 1933 e nos Estados Unidos em junho do

59 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 48.

60 Experiência relatada no ensaio *Como morrem os pobres*.

mesmo ano, pela editora Harper and Brothers. Na França a obra foi publicada em maio de 1935, com o título de *La Vache Enragée*. Em carta enviada a seu tradutor francês, R. N. Raimbault, em 9 de outubro de 1934, o processo de tradução pode ser notado:

Dou a seguir respostas às perguntas que me fez [omitidas na edição brasileira], e sobre os traços da página 239, que representam palavras cuja impressão é proibida na Inglaterra, mas que não causarão, podemos esperar, nenhum escândalo na França. Quanto ao prefácio, ficarei muito feliz em escrevê-lo – em inglês, é claro – e o enviarei dentro de dez ou quinze dias.⁶¹

Mas mais do que problemas na tradução ou na procura de um editor, segundo aponta Sérgio Augusto,

Na pior em Paris e Londres teve sua autenticidade contestada por donos de hotéis e restaurantes de Paris, que, mesmo sem saber a que estabelecimentos Orwell se referia, acusaram-no de mentir sobre o estado geral das cozinhas parisienses. Orwell, no entanto, fora específico: não criticara todas as cozinhas de Paris, apenas duas ou três, que, generosamente, manteve protegidas pelo anonimato.⁶²

Outro aspecto pertinente ao livro de estreia é a questão da convivência com os mendigos em Londres, em que as posições do autor se alteram, se comparadas às de sua formação, e as relações com os pobres se estreitam, conforme pode ser observado em suas obras. Segundo Ricardo Bonalume Neto,

A imbecilidade das convicções da classe média [...] era um obstáculo a qualquer mudança na situação desses homens. As leis eram em grande parte responsáveis pela situação, a caridade era humilhante propositalmente [...]. Não era à toa que, vivendo nesse submundo, os únicos exemplos de atitudes dignas (decentes, como ele diria) partiam dos próprios mendigos.⁶³

Outra experiência que não se poderia deixar de citar é o caso do importante escritor Jack London. London, diferentemente de Orwell, não teve uma criação de elite. Na infância sofreu com a miséria e as dificuldades encontradas num momento de crise nos EUA. No entanto, na sua fase adulta de Orwell e London coincidem na defesa da causa dos mais pobres e no entendimento de uma sociedade mais igualitária (posição amadurecida a partir do convívio com a “ralé”). Mais do que isso, há certo paralelismo nas suas criações literárias, fruto de suas experiências cotidianas e reais com as pessoas

61 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 73-74.

62 AUGUSTO, Sérgio. Posfácio. In: ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 248.

63 NETO, Ricardo Bonalume. *George Orwell: A busca pela decência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 38.

menos favorecidas. Nesse sentido, um paralelo interessante é o livro *O Povo do Abismo*, em que London fala das condições de vida dos marginalizados na Londres do início do século XX, mais precisamente, do East End londrino, o mesmo local que quase trinta anos depois, George Orwell frequentaria, e que ainda se mantinha marginalizado.

2. 3 – Em busca da penúria

Em carta escrita a um colega do *Eton College*⁶⁴, em agosto de 1920, Orwell conta sobre a sua “primeira aventura como vagabundo amador”. A carta diz respeito a um trajeto que o então Eric Blair teve que fazer para se deslocar, sendo necessário “baldeação” em outro trem. Porém acabou perdendo o segundo trem e teve que esperar até o outro dia para conseguir partir para o destino pretendido.

Em trecho da carta, ele diz:

Fiz uma consulta à minha situação financeira. Tinha o suficiente para a passagem restante (sic) & mais 7 ½ d. Poderia , portanto, dormir na A.C.M. Por 6 d & morrer de fome, ou comer alguma coisa e ficar sem ter onde dormir. Eu escolhi a última, pus minha mochila no vestiário & comprei 12 pãezinhos por 6d: às nove e meia me esgueirei para o campo de algum agricultor – havia alguns campos, situados entre fileiras de casa miseráveis.⁶⁵

No momento de escrever, Orwell tinha 17 anos, e apesar de não ter passado por nenhuma situação tão complexa, já era o começo de uma experiência que viria a acontecer de forma muito mais efetiva. Mais efetiva e mais complicada, dado que na época de sua permanência em Paris, pegou uma forte gripe (um ataque de pneumonia) e foi internado no Hôpital Cochin, onde conheceu um personagem bastante presente na narrativa de *Na pior*, identificado apenas como Bóris, seu amigo russo. Segundo Sérgio Augusto,

Naquela época, ao menos, o Hospital Cochin era uma pocilga, um viveiro de germes e infecções, um marco do obscurantismo médico francês. Blair lá esteve internado, com pneumonia, em fevereiro de 1929. Fugiu antes de

64 A carta se destina a “Sir Steven Runciman (1903-2000) [que] foi “bolsista do rei” em Eton na mesma turma de Orwell. Tornou-se um historiador respeitado e publicou *A History of the Crusades*, 3 volumes (1951-4), *The Sicilian Vespers* (1958) e *The Fall of Constantinople* (1965)”. Foi um especialista em estudos bizantinos. [DAVISON, Peter. In. ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 477]

65 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.38.

receber alta. Fora atendido com desdém, humilhado e exposto a uma visão dantesca da assistência hospitalar reservada aos inválidos.⁶⁶

A abordagem do estudo em torno da obra de Orwell, nesse caso, no que se refere ao livro *Na pior*, pode ser considerada como biográfica, já que os fatos relatados realmente aconteceram, embora a ordem das situações nem sempre sejam cronológicas. A questão da passagem pelo hospital, por exemplo, não aparece no livro em questão, mas somente no ensaio *Como morrem os pobres* (How the Poor Die).

Na primavera de 1928 até o final de 1929, Eric Blair parte para morar em um bairro operário de Paris, o Quartier Latin, no Hotel dês Trois Moineaux. Essa experiência está presente no livro, como quando narra o ambiente da “Rue du Coq d’Or⁶⁷”, com as peculiaridades da região: bate-bocas quase diários entre os vizinhos; brigas entre os habitantes (muitos destes estrangeiros), devido à bebida e mulheres; crianças correndo pelas ruas; e os comerciantes franceses tradicionais. Em relação ao próprio hotel citado, reconhece que os estrangeiros eram a maioria:

Os hóspedes eram uma população flutuante, estrangeiros na maioria [...]. Eram de todos os tipos: sapateiros, pedreiros, canteiros, trabalhadores braçais, estudantes, prostitutas, tropeiros. Alguns eram incrivelmente pobres.⁶⁸

A descrição dos tipos e costumes das pessoas que frequentavam o hotel enriquece a representação da realidade vivida pelo autor. Igualmente, descrição dos bairros pobres de Paris e da simplicidade das pessoas que habitavam tais lugares, contribui para reforçar a sensibilidade do autor, quem, cada vez mais, vai assumindo a opção pelos pobres; aliás, ele próprio reconhece que fora naquele bairro miserável em que morou que teve seu primeiro contato com a pobreza.⁶⁹

No íterim de sua estadia em hotéis baratos e cheios de percevejos, dava aulas de inglês e aspirava arrumar um trabalho como guia de turismo ou intérprete para conseguir algum dinheiro a mais. Enquanto procurava algum destes trabalhos, guardava

66 AUGUSTO, Sérgio. Posfácio. In: ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 245.

67 Segundo Sérgio Augusto, o nome verdadeiro do logradouro é *Rue du Pot de Fer*, e foi alterado “porque o autor preferiu preservar-lhe a verdadeira identidade, para não ferir a suscetibilidade dos donos do hotel, infestado de percevejos e outros defeitos, nem alimentar a animosidade de sua ruidosa e desbocada vizinhança”. [AUGUSTO, Sérgio. Posfácio. In: ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 245]

68 ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 13.

69 *Ibidem*, p.15.

certa quantia de dinheiro, além de manter adiantado o pagamento do aluguel do quarto que habitava.

No entanto, suas reservas acabaram sendo roubadas, e então a necessidade imediata de um trabalho se fez presente. As necessidades evidenciaram-se:

Quando você se aproxima da pobreza faz uma descoberta que supera algumas outras. Você descobre o tédio, e as complicações mesquinhas e os primórdios da fome, mas descobre também o grande aspecto redentor da pobreza: o fato de que ela aniquila o futuro. Dentro de certos limites, é mesmo verdade que, quanto menos dinheiro você tem, menos você se preocupa.⁷⁰

De algum modo também ocorre uma espécie de resignação, que torna curiosa as situações expostas pelo autor, e que, de fato, se parecem com outras sofridas por quem já teve alguma experiência com a pobreza: a falta de dinheiro. Conforme segue Orwell:

[...] há outro sentimento que serve de grande consolo na pobreza. Acredito que todos que ficaram duros já o experimentaram. É um sentimento de alívio, quase de prazer, de você saber que está, por fim, genuinamente na pior. Tantas vezes você falou sobre entrar pelo cano – e, bem, aqui está o cano, você entrou nele e é capaz de aguentar. Isso elimina um bocado de ansiedade.⁷¹

É com a indicação do amigo russo, Bóris, que ele começa uma vida de *plongeur*⁷², o cargo mais inferior em toda a divisão de trabalho de um restaurante, no Hotel X.⁷³ Boris também lhe levava para trabalhar como *plongeur* num restaurante russo de um conhecido, o Auberge de Jehan Cottard. O relato permite calibrar, para além da importância em si da obra, o próprio ponto de vista de Orwell, quem sobreviveu e enfrentou as agruras daquela realidade, presenciando as situações não apenas como observador, mas como protagonista.

2.3.1 – A vida de *plongeur*

A narrativa de Orwell a respeito da função de *plongeur* demarca sua simpatia em favor das classes subalternas. A rotina destes trabalhadores era extenuante,

70 ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 27.

71 *Ibidem*, p. 28.

72 Termo em francês que significa lavador de prato, ou auxiliar de cozinha.

73 Ainda com a referência de Augusto, o nome verdadeiro era Hotel Lotti.

com uma carga horária que podia chegar a dezessete horas por dia de trabalho. O próprio autor comenta que no livro, Orwell tece reflexões a respeito de tal trabalho:

Creio que se deve começar dizendo que o *plongeur* é um dos escravos do mundo moderno. Não que haja necessidade de ter pena dele, pois está em melhor situação do que muitos trabalhadores braçais, mas ainda assim não é mais livre do que se fosse comprado e vendido. [...] Exceto por um acaso feliz, não tem como escapar dessa vida, a não ser indo para a prisão. Neste momento, há homens com diploma universitário esfregando pratos em Paris de dez a quinze horas por dia. Não se pode dizer que é mera preguiça deles, pois um homem preguiçoso não pode ser um *plongeur*; eles simplesmente caíram na armadilha de uma rotina que torna impossível pensar. Se os *plongeur* pensassem, teriam criado um sindicato há muito tempo e feito greve por um tratamento melhor. Mas eles não pensam, porque não têm tempo pra isso; a vida que levam fez deles escravos.⁷⁴

O excerto demonstra um pouco do período de crise que assolou a Europa e o mundo no final dos anos 20. O fato de haver “homens com diploma universitário esfregando pratos em Paris” é sintomático num momento de crise. A crítica de Orwell vai além de um período de crise, sendo mesmo uma crítica ao sistema capitalista. Nesse caso, o que está em pauta na sua análise é a própria estrutura e sentido que o trabalho num hotel de luxo comporta, prossegue o autor:

Sem dúvida, hotéis e restaurantes devem existir, mas não há necessidade de que escravizem centenas de pessoas. [...] Essencialmente, um hotel “requintado” é um lugar onde cem pessoas labutam como o diabo para que duzentas possam pagar os olhos da cara por coisas de que realmente não necessitam. Se o absurdo fosse eliminado dos hotéis e restaurantes, e o trabalho fosse feito com uma eficácia simples, os *plongeurs* talvez trabalhassem seis ou oito horas por dia, em vez de dez ou quinze.⁷⁵

É o clássico caso da extração de mais-valia, que para Tom Bottomore

[...] é a forma específica que assume a EXPLORAÇÃO sob o capitalismo, a *differentia specifica* do modo de produção capitalista, em que o excedente toma a forma de LUCRO e a exploração resulta do fato da classe trabalhadora produzir um produto líquido que pode ser vendido por mais do que ela recebe como salário [Grifos do autor].⁷⁶

A denúncia por parte de Orwell, como já dito durante todo este estudo, é recorrente. Nesse sentido, ainda em relação a exploração do trabalho, o escritor observa:

74 ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.133-134.

75 *Ibidem*, p. 136.

76 BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 227.

Creio que esse instinto de perpetuar o trabalho inútil é, no fundo, simples medo da plebe. Essa gentilha (costumam pensar) é constituída por animais tão vis que se tornariam perigosos se tivessem lazer; é mais seguro mantê-los bastante ocupados para evitar que pensem. [...] Muito poucas pessoas cultas têm menos de (digamos) quatrocentas libras esterlinas por ano e, naturalmente, ficam ao lado dos ricos porque imaginam que qualquer liberdade concedida aos pobres é uma ameaça a sua própria liberdade. Prevendo alguma sinistra utopia marxista como alternativa, o homem instruído prefere manter as coisas como estão.⁷⁷

As passagens demonstram um Orwell investigativo, pois é permeada por suas reflexões. No entanto as ações relatadas também aconteceram por necessidade, às duras penas da pobreza, que se evidenciaram pela má sorte (seu dinheiro que foi furtado e a perda de seus alunos de inglês) e pela urgência de arranjar um trabalho. Assim não apenas se faz presente uma análise da exploração por Orwell, mas também um jornalismo literário bastante interessante. Nesse sentido, a experiência de Orwell, transformada em texto divulgado como denúncia ou material de esclarecimento (função pedagógica), pode ser vista desde a perspectiva da atuação de um intelectual orgânico. Pode-se fazer, com certa licença, uma relação com o que diz Martins a respeito do papel do intelectual frente à hegemonia da classe dominante:

[...] apresentar alternativas às classes subalternas na disputa pela hegemonia, elevando a outro patamar a compreensão que têm da realidade, possibilitando-lhes a sensibilização em relação ao processo de exploração econômica, de alienação social e de subalternidade ético-política a que estão submetidas, para mobilizá-los a lutar em busca da superação dessa sua condição histórica vivida sob a égide do modo de vida capitalista.⁷⁸

A denúncia da exploração dos anos 30 extrapola seu próprio contexto e faz das apreciações de Orwell algo de caráter muito mais universal. Sua posição em favor dos setores mais pobres abrange outras categorias sociais, como se pode observar a seguir.

2.3.2 – Andarilhos, artistas e vagabundos

No final de 1929 George Orwell decide voltar à Inglaterra. Tudo indica que seu retorno se dá em virtude do contato com um amigo. Na narrativa, Orwell se refere

77 ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.137.

78 MARTINS, Marcos Francisco. *Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política*. Campinas: Pro-Posições, v.22, n.3, 2011, p. 141.

ao amigo como “B.”, a quem lhe escrevera pedindo um emprego em Londres. Seu amigo respondeu positivamente alguns dias depois e lhe enviou uma quantia para a passagem de trem. O trabalho consistiria em cuidar de um descapacitado mental, o que seria um alívio se comparado à jornada extenuante levada em Paris. Porém o trabalho não se efetivou de imediato, o paciente havia viajado com os futuros patrões, e seria necessário aguardar ainda um mês até sua volta.

Entre noites em albergues baratos, de passagem ou não, com as escassas economias que ainda possuía, Orwell vai se emaranhando na vida dos despossuídos e entendendo as artimanhas necessárias para a sobrevivência com a falta de dinheiro. Segundo nota do tradutor de *Na pior*, Pedro Maia Soares, os albergues de passagem, eram mais parecidos aos “*work-houses* (asilos para pobres, em que estes trabalhavam em troca de abrigo e comida)”, que recebiam hóspedes apenas por uma noite, em obediência às leis que regiam a pobreza, a mendicância – que era proibida – e a *vagrancy* (vagabundagem)⁷⁹.

Um dos personagens importantes na narrativa é Paddy, um típico mendigo que ensina a Orwell os trejeitos da rua. Paddy se torna companheiro do narrador por aproximadamente quinze dias, tempo em que este último descobre os infortúnios da penúria, a dependência das paróquias e dos Exércitos da Salvação que ofereciam chá em troca dos sermões, além das situações cotidianas que remetem às políticas empregadas pelos governantes frente à situação dos mendigos. Efetivamente, essa é uma situação que marca e indigna o escritor:

Eu estivera em Londres inúmeras vezes, e até então não havia notado uma das piores coisas da cidade – o fato de que é preciso pagar até para sentar. Em Paris, se você não tem dinheiro e não encontra um banco de jardim, pode sentar na calçada. Em Londres, só Deus sabe o que pode acontecer se alguém sentar na calçada: prisão, provavelmente.⁸⁰

Paddy também apresenta outra figura interessante, o artista de rua Bozo. Vale a pena destacar a descrição proporcionada por Orwell, quando de sua conversa com Bozo:

“Sou o que eles chamam de grafiteiro sério. Não desenho com giz em quadro-negro, como alguns por aí, uso cores apropriadas, as mesmas dos pintores. [...] Uso cinco xelins de cores durante um dia de muito trabalho, e nunca menos do que dois xelins. Minha especialidade são os cartuns, sabe, política, críquete e coisas assim. [...] Você pode fazer charges sobre qualquer

79 ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 158.

80 *Ibidem*, p. 176.

partido, mas não pode pôr nada a favor do socialismo, porque a polícia não permite. [...] O tira tem o direito de te mandar circular por vadiagem, e não é bom responder”⁸¹.

Na descrição feita por Orwell sobre Bozo, fica sua admiração por que “falava francês razoavelmente e havia lido alguns dos romances de Zola, todas as peças de Shakespeare, *As viagens de Gulliver* e vários ensaios”⁸². Ou seja, o artista de rua tinha um conhecimento cultural refinado independentemente de sua dura realidade de sobrevivente de um sistema em profunda crise.

Também Paddy representa ter uma grande importância para o autor: “Ele me ensinou a viver, comer, dormir, conseguir fumo e todo o resto à razão de meia coroa por dia. E conseguia ganhar uns poucos xelins a mais como flanelinha à noite”⁸³.

Destarte, expostas uma parte dos acontecimentos e situações que o autor experimentou e sobre os quais buscou informações necessárias para entender esse mundo das ruas, cabe destacar a análise traçada pelo autor quando de sua explanação a respeito dos mendigos, de forma geral. Nesse ponto notamos a grande diferença que o contato com estas pessoas ocasionou, na compreensão do autor, por exemplo, quando coloca que o mesmo explica que para analisar a situação deles, é necessário livrar-se de preconceitos enraizados, como a ideia de que todo mendigo, por exemplo, é um patife⁸⁴.

Em tempos atuais, onde aqui no Brasil recentemente um vereador⁸⁵ proferiu discursos irascíveis contra os mendigos, vale ressaltar o entendimento de Orwell a respeito da condição inglesa, que de certa forma, pode ser levado em conta para analisar outras realidades, mesmo passado tanto tempo de sua escrita:

O mendigo não vagabundeia porque gosta, mas pelo mesmo motivo que, na Inglaterra, um carro deve se manter à direita na pista: há uma lei que o obriga a isso. Um homem miserável, se não for sustentado pela paróquia, só pode obter ajuda nos albergues de passagem, e como cada albergue desses só pode aceitá-lo por uma noite, ele é obrigado a se manter em movimento. Ele é vagabundo porque, segundo a lei, ou faz isso, ou morre de fome. Mas as pessoas cresceram acreditando no mendigo-monstro e preferem pensar que deve haver algum motivo mais ou menos vil para a vagabundagem.

[...] Com efeito, se lembrarmos que um mendigo é apenas um inglês desempregado, forçado pela lei a viver como um vagabundo, então o mendigo-monstro se desfaz. Naturalmente, não estou dizendo que a maioria

81 ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 184.

82 *Ibidem*, p.189.

83 *Ibidem*, p.203.

84 *Ibidem*, p.225.

85 Caso do vereador de Pirai, Rio de Janeiro, que proferiu a infeliz sentença de que “os mendigos não servem para nada” e que “deveriam virar ração para peixe”. Pragmatismo Político. Disponível em <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/10/video-politico-mendigo-devia- virar-racao-peixe.html>. Acesso em 29/10/2013.

dos mendigos é composta de tipos ideais; digo apenas que são seres humanos comuns, e se são piores do que outras pessoas, isso é o resultado, e não a causa, de seu modo de vida.⁸⁶

A crítica de Orwell, mesmo que ainda incipiente, naquele momento, já demonstrava certa clareza a respeito das condições de pobreza a que aquelas pessoas estavam submetidas. Diante disso, no fim do livro, Orwell reflete sobre ações que poderiam ser empregadas para solucionar tal problema como, por exemplo, que os albergues pudessem abrigar os mendigos por mais tempo (e não apenas por uma noite), e que seu tempo ocioso fosse preenchido com tarefas de usufruto comum, como manter os albergues decentes (pois a grande maioria estava em péssimas condições). Da mesma forma, mostra a preocupação com a alimentação dessas pessoas e propõe a melhoria dessa condição: “[...] a questão é: o que fazer com homens subnutridos e ociosos? E a resposta – faze-los plantar sua própria comida – se impõe automaticamente”⁸⁷.

Ou seja, no relato e na denúncia de Orwell, as condições desse grupo de pessoas constantemente excluídas da sociedade tomam uma dramática dimensão. De certa maneira, a análise do autor sobre aquela realidade específica, lança reflexões que podem ser tomadas como algo que extrapola a Inglaterra, e pode ser tão universal quanto a própria situação gerada pela exploração que o sistema capitalista produz sobre as pessoas, subjugando-as.

⁸⁶ ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.226-227.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 232.

Capítulo 3 – O caminho para Wigan Pier

No livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, Friedrich Engels analisa os diferentes tipos de trabalhos e de trabalhadores e as condições a que estavam submetidos. A crítica de Engels se faz presente não apenas no modelo clássico de proletário industrial, mas mais do que isso, abrange o proletariado agrícola, a questão da imigração irlandesa, os diferentes ramos da indústria, os movimentos operários e o proletariado das minas.

Escrito em 1845, o trabalho de Engels surpreende pela aguda observação e análise da classe trabalhadora. As condições de vida e moradia, a alimentação, as condições do trabalho, a insalubridade das tarefas, são descritas com uma perspicácia que denuncia a grande exploração sobre as classes subalternas. Na Inglaterra, berço da 2ª Revolução Industrial, justamente no período em que Engels escrevera sobre a situação dos proletários, a quantidade de trabalho e de matéria-prima só não condizia com as precárias condições de vida dessas pessoas.

O trabalho consistia na extração e transporte do carvão retirado dos veios subterrâneos, profundos e tão baixos que em alguns trechos os homens tinham de se locomover engatinhando. Também havia o trabalho na superfície, que era a trituração e a seleção dos minérios – naquela época, realizados por mulheres e crianças. As crianças, em geral começavam a trabalhar nas minas com 12 anos, embora houvesse lugares em que crianças começavam a trabalhar com menos de 8 anos. A expectativa de vida era muito baixa, dificilmente passando dos 50 anos. Os problemas de saúde se refletiam nas afecções pulmonares, tuberculose, hérnias articulações e outros problemas de coluna. Além disso, segundo Engels, “em todo império britânico não há outro trabalho em que os riscos de acidentes mortais sejam tão variados. A mina é teatro de uma quantidade de acidentes horríveis que devem ser imputados ao egoísmo da burguesia”⁸⁸.

O mais impactante de tudo isso, é a comparação com o livro *O caminho para Wigan Pier*, de George Orwell. Escrito mais de noventa anos depois da obra de Engels, o relato de Orwell, em muitos aspectos, reflete uma realidade muito parecida com aquela retratada por Engels, na medida em que mesmo passados quase um século

88 ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Global Editora, 1986, p. 280.

de uma obra para outra, a situação dos trabalhadores das minas de carvão continuaram marcadamente precárias.

É verdade que algumas mudanças foram significativas, como a proibição do trabalho nas minas para crianças e mulheres; a tecnologia empregada na extração do carvão, embora incipiente, melhorou um pouco (como nos vagonetes para o transporte); e de certa forma, até a remuneração e os direitos dos trabalhadores, conquistados durante o processo de organização dos operários em associações e sindicatos. No entanto, a precariedade das condições de vida surpreende pelas semelhanças. As moradias continuavam extremamente degradantes, a alimentação continuava insuficiente e os problemas com acidentes de trabalho e problemas de saúde, da mesma forma se mantinham.

Mais do que isso, a crítica de Engels à burguesia sempre acabava sendo evidente em seus escritos. Nesse sentido, a posição contrária de Orwell à indiferença e repúdio das classes dominantes frente às classes baixas, também contribui para que *O caminho para Wigan Pier*, não seja apenas uma espécie de livro-reportagem, o relato resiste ao tempo e marca umas das características de Orwell, a de conseguir manter-se na História.

3.1 – Contexto histórico

No capítulo 2, foi apresentado o grande problema de desemprego que a Crise de 1929 gerou e que repercutiu nos anos seguintes. Do mesmo modo, a superação plena dessa situação para a maioria dos países europeus só foi ocorrer, de fato, com o pós-guerra. Para os dois países aqui trabalhados, este período marcou a perda da soberania perante as novas forças que marcariam a segunda metade do século XX com a Guerra Fria, os EUA e a URSS.

Novamente, em relação à Grande Depressão, é comum o sistema capitalista encarar ciclos de crises, nos chamados períodos de *boom* e depressão. Para Bottomore, existem as *crises gerais*, “que envolvem um colapso generalizado das relações econômicas e políticas de reprodução” e as *crises parciais* e os ciclos econômicos, “que constituem um traço regular da história do capitalismo”⁸⁹. As crises parciais e os ciclos

89 BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 85.

econômicos fazem parte do método intrínseco ao sistema, de reintegrar o desejo individual do lucro que colide a cada tempo com a “necessidade objetiva de uma divisão social do trabalho”⁹⁰. Ainda segundo Bottomore:

Quando um sistema é saudável, recupera-se rapidamente de suas convulsões. Quanto menos sadio for, porém, mais prolongadas se tornam as convalescenças, mais anêmicas as recuperações e maior é a possibilidade de que ele ingresse numa longa fase de depressão.

Inegavelmente, o período trabalhado neste estudo, recai na segunda aceção, tanto devido ao prolongamento da crise, em virtude da tardia recuperação do sistema econômico mundial nos anos 30, quanto da própria proporção de danos que a Crise de 29 gerou. No que diz respeito ao tema da exploração sobre a classe trabalhadora, cabe destacar o que Bottomore sintetiza a respeito das crises:

Cada crise geral precipita uma destruição geral dos capitais mais fracos e intensifica ataques ao trabalho; essa destruição e esses ataques ajudam a restabelecer a acumulação aumentando a centralização e a concentração de capital e elevando a lucratividade geral.⁹¹

Em contrapartida, os trabalhadores se organizam e forçam medidas para resistir e mudar a situação dos menos favorecidos. A situação de embate social é recolocada nesses termos:

A política não pode comandar e não comandará o sistema, a menos que esteja disposta a reconhecer que a solução capitalista de uma crise *exige* um ataque à classe operária e que a solução socialista exige, por seu lado, um ataque ao próprio sistema.⁹²

O drama do desemprego em massa e a desilusão das pessoas não só das camadas baixas, mas de grande parte dos setores médios e até mesmo dos setores dominantes, em virtude da falência de muitos empresários, teve abrangência porque, segundo Hobsbawm:

Foi precisamente a ausência de qualquer solução dentro do esquema da velha economia liberal que tornou tão dramática a situação dos tomadores de decisões econômicas. [...] Numa época em que o comércio mundial caiu 60 % em quatro anos (1929-32), os Estados se viram erguendo barreiras cada

90 BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 85.

91 *Ibidem*, p. 88.

92 *Ibidem*.

vez mais altas para proteger seus mercados e moedas nacionais contra os furacões econômicos mundiais [...].⁹³

A solução para a crise foi o intervencionismo estatal e a aplicação das ideias de John Maynard Keynes (1883-1946), que pregava o pleno emprego. Diz Hobsbawm: “Quanto aos trabalhadores, após a guerra o ‘pleno emprego’, ou seja, a eliminação do desemprego em massa tornou-se a pedra fundamental da política econômica nos países de capitalismo democrático reformado”⁹⁴, visto que o pleno emprego teria efeito mais estimulante nas economias em recessão, o que, de fato, foi a solução para aquele período. Sem esquecer, é claro, do soerguimento da indústria em virtude da Segunda Guerra Mundial que se aproximava.

3.2 – Apresentação da obra e elementos externos

Depois do lançamento de *Na pior em Paris e Londres*, em 1933, Victor Gollancz, editor de Orwell, lançou até o final de 1936, *Dias na Birmânia*, *A Filha do Reverendo* e *A Flor da Inglaterra* (ou *Mantenha o Sistema*). Pretendo editor socialista, Gollancz não poderia deixar de publicar o próximo livro que Orwell estava escrevendo, *O caminho para Wigan Pier*. O livro em questão foi lançado apenas em março de 1937, pela série do Left Book Club⁹⁵ de Gollancz, época em que o escritor estava lutando na Espanha.

De Barcelona, Orwell escrevera uma carta para Gollancz em 9 de maio de 1937, a qual falava a respeito do lançamento de *O caminho para Wigan Pier*, agradecendo a introdução feita pelo editor:

Gostei muito da introdução, embora, é claro, eu pudesse ter respondido a algumas das críticas que você fez. Era o tipo de discussão sobre o que a gente

93 HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 98-99.

94 *Ibidem*, p.99-100.

95 Nesse ponto há um debate, pois se acreditava que Gollancz teria encomendado *Wigan Pier*: “Victor Gollanz [...] fez a encomenda a Orwell, pedindo-lhe que contribuísse para a série sobre “as condições da Inglaterra”. [...] Mais tarde, Gollancz decidiu incluir o livro em sua série Left Book Club”. [HOGGART, Richard. Introdução. In: ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.10]. No entanto, em nota do livro *Uma vida em cartas*, o editor da edição original diz: “É um erro acreditar que o Left Book Club encomendou *O caminho para Wigan Pier* a George Orwell, mandando-o a Wigan para escrevê-lo. Na verdade, o clube ainda não fora criado quando ele partiu para Wigan e a entidade só decidiu adotar o livro em janeiro de 1937, bem depois de Orwell ter entregado o manuscrito”. [DAVISON, Peter. In. ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 104].

está realmente falando que a gente sempre quer e parece nunca obter dos resenhistas profissionais. Mandaram-me um monte de resenhas, algumas muito hostis, mas eu deveria pensar que são na maior parte boas do ponto de vista da publicidade. Também um grande número de cartas de leitores.⁹⁶

O caminho para Wigan Pier se divide em duas partes. A primeira fala das condições de vida dos mineiros do norte da Inglaterra, as precárias habitações, o exaustivo trabalho embaixo da superfície, a má alimentação e a crítica às estatísticas de desemprego, que muitas vezes mascaram a realidade. A segunda parte se inscreve numa crítica aos setores médios – que na acepção de Orwell é usada como classe média –, e aos preconceitos de classe, assim como os questionamentos frente a incapacidade do socialismo resolver os problemas da exploração capitalista. As respostas às críticas que Gollancz aponta se devem a esta segunda parte, já que para o editor, as críticas de Orwell não iam de acordo com seu entendimento. Vale ressaltar que Gollancz não quis editar *Lutando na Espanha*, justamente pela dura crítica empreendida por Orwell no que diz respeito aos Partidos Comunistas e aos jornais que tinham o aval destes, em contrariedade aos fatos que aconteceram e a política de caça aos “trotskistas” e anarquistas. O POUM, dissidente das diretrizes centrais de Moscou, estava submetido a esse jogo político e ideológico de difamação, perseguição e extermínio.

A respeito da recepção da obra, transcrevo um trecho da observação do autor das anotações e notas de *Uma vida em cartas*, Peter Davison:

Orwell e *O caminho para Wigan Pier* sofreram ataques maldosos de comunistas e da imprensa de extrema esquerda. Ruth Dudley Edwards diz que Orwell foi “ridicularizado” por Harry Pollitt, líder do Partido Comunista da Grã-Bretanha, no *Daily Worker* [jornal inglês de tendência comunista] de 17 de março de 1937. Pollitt escreveu: “Eis George Orwell, um rapaz de classe média desiludido que, olhando através do imperialismo, decidiu descobrir o que o socialismo tinha a oferecer [...]. Concluo que as principais coisas que preocupam o Sr. Orwell é o ‘cheiro’ da classe operária, pois cheiros parecem ocupar a maior parte do livro.”⁹⁷

Os ataques foram tão incisivos e contínuos, que Orwell pediu a intervenção de Gollancz para ajudá-lo a rebater as críticas. Em carta escrita para seu editor em 20 de agosto de 1937, Orwell explica o motivo e a insistência das acusações contra ele:

Esta é – creio eu – a terceira referência no *Daily Worker* à minha suposta afirmação de que as classes trabalhadoras “cheiram mal”. Como o senhor

96 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 116-117.

97 DAVISON, Peter. In: ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 126.

sabe, eu nunca disse nada desse tipo e, na verdade, disse especificamente o contrário. O que eu disse no capítulo VIII de *Wigan Pier*, como talvez se lembre, é que as pessoas de classe média são levadas a *acreditar* que as classes operárias “cheiram mal”, o que é simplesmente uma questão de fato observável. Várias das cartas que recebi de leitores do livro se referiam ao fato e me felicitaram por apontá-lo. [...] Estes ataques no *Worker* só começaram depois que o Partido Comunista ficou sabendo que eu estava servindo na milícia do POUM.⁹⁸

Todavia, na mesma carta, Orwell pedira para Gollancz interceder junto ao *Daily Worker*, visto que as acusações não se dirigiam apenas ao autor, mas também aos milicianos do POUM. A posição de Orwell demarca novamente a relação combativa frente às calúnias e inverdades propagadas. Diz ele:

Está em andamento uma campanha de difamação organizada contra pessoas que serviram no POUM, na Espanha. Um camarada meu, um garoto de dezoito anos que conheci na linha de fogo,⁹⁹ foi recentemente não só expulso de sua seção da Juventude Comunista devido à sua associação com o POUM, o que talvez fosse justificável, [...] mas também foi descrito em uma carta como “a soldo de Franco”. Esta última declaração é uma questão completamente diferente. Eu não sei se é difamatório dentro do contexto, mas estou obtendo parecer de advogados, pois, evidentemente, a mesma coisa (isto é, que estou a serviço dos fascistas) poderá ser dita a meu respeito. [...] Lamento muitíssimo jogar esse tipo de coisa sobre o senhor, e compreenderei e não ficarei de modo algum ofendido se achar que não pode fazer nada a respeito.¹⁰⁰

Ao que consta, nas notas de *Uma vida em cartas*, as ameaças à Orwell teriam cessado após a intercessão de Gollancz. Outras resenhas de *O caminho para Wigan Pier* foram publicadas pelos jornais *Sunday Times* e *The Observer*, também em 1937, embora o conteúdo das resenhas não esteja disponível. O que nos dá uma ideia é um trecho de uma carta escrita por Orwell para a sua esposa Eileen Blair, em 5 de abril de 1937:

Sim, a resenha de Pollitti [*Daily Worker*] foi muito ruim, embora evidentemente boa como publicidade. Suponho que ele deve ter ouvido falar que estou servindo na milícia do POUM. Não presto muita atenção nas resenhas do *Sunday Times*, (sic) pois como G[ollancz] anuncia muito lá, eles não se atrevem a falar mal dos livros dele, mas o *Observer* foi uma melhoria em relação à última vez.¹⁰¹

98 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 127.

99 Stafford Cottman (06/03/1918 – 19/09/1999). Do mesmo que Orwell, rejeitou o comunismo, sob a égide do Partido Comunista Soviético, depois dos Eventos de Maio de 37 em Barcelona. “Stafford Cottman simbolizava a luta e júbilo do século que estamos prestes a sair”, inclusive o herói do filme de Ken Loach, *Terra e Liberdade*, é baseado em Cottman, diz o interessante obituário do jornal *The Independent*, de 03/11/1999. *Independent*. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/obituary-stafford-cottman-1122096.html>. Acesso em 03/11/2013.

100 ORWELL, op. cit., p.128-129.

101 *Ibidem*, p. 111.

Em relação ao fator geracional levantado por Jean-François Sirinelli e apontado na introdução do presente trabalho, sobre o engajamento dos intelectuais por meio dos itinerários políticos, é interessante observar a correspondência de Orwell com o escritor americano Henry Miller, datada de 27 de agosto de 1936 (infelizmente desconhecemos a resposta de Miller, o que impede de explorar melhor um diálogo que demonstra ser muito significativo). De qualquer forma, um trecho merece destaque:

Sim, concordo sobre a pobreza inglesa. É horrível. Recentemente, andei viajando pelas piores partes das zonas carvoeiras em Lancashire e Yorkshire – estou escrevendo um livro sobre isso agora –, e é espantoso ver como nos últimos dez anos as pessoas entraram em colapso e perderam toda a coragem.¹⁰²

A respeito das polêmicas de *O caminho para Wigan Pier*, Bonalume Neto sintetiza:

A primeira parte de *The Road [to Wigan Pier]* causou menos polêmica; é principalmente reportagem, mostrando a condição de vida dos operários, o problema do desemprego [...] da falta de moradias, acidentes de trabalho, má alimentação. [...] Mas o que realmente irritou muita gente na esquerda inglesa foram as reflexões sobre o relacionamento entre classes e as opiniões originais de Orwell sobre o que deve e o que não deve ser socialismo.¹⁰³

Em suma, se em seu primeiro livro Orwell já causara polêmicas frente aos donos de hotéis e restaurantes; neste, as concepções do autor tomam uma forma mais politizada e, do mesmo modo, polêmica, agora perante a *intelligentsia inglesa* e, como não poderia deixar de ser diferente em sua obra, no que diz respeito a crítica a exploração dos trabalhadores.

3.3 – Questões de destaque

Orwell começa o livro narrando o ambiente da pensão da família Brooker. A aparência sórdida dos lugares relatados será uma constante, não só nas pensões apinhadas de pessoas, como nas casas dos mineiros.

As acomodações da pensão lembram, e muito, a descrição feita por Engels, praticamente noventa anos antes, em *A situação da classe trabalhadora inglesa*. Para se

102 ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 96.

103 NETO, Ricardo Bonalume. *George Orwell: A busca pela decência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 44.

ter uma ideia do cenário vivido por Orwell, vale notar uma passagem em que o autor relata, não só a precariedade do lugar, mas os tipos que a freqüentavam, inclusive os próprios donos:

No dia em que vi um penico cheio até a borda embaixo da mesa do café da manhã, decidi ir embora. O lugar estava começando a me deixar deprimido. Não era só a sujeira, os cheiros fétidos e a comida nauseabunda, mas a sensação de decadência, de uma estagnação sem sentido, de ter descido a um lugar subterrâneo onde as pessoas se arrastam em círculos, como besouros negros dando voltas, em uma confusão sem fim de empregos vagabundos e rancores mesquinhos.¹⁰⁴

Para chegar a Wigan Pier, Orwell narra que pegara um trem, em meio a algumas paisagens de campos verdes que se mantinham ainda resguardados da visão cinza das cidades.

3.3.1 – A vida dos mineiros

Nos anos trinta, o trabalho dos mineiros ainda era de uma importância e necessidade sem tamanho, no entanto, as tarefas árduas não condiziam com tal importância. Em grande medida o petróleo ainda não havia ocupado o lugar do carvão, o que não quer dizer que ainda hoje não ocorram os mesmos problemas apontados por Orwell em *Wigan Pier*. No que diz respeito ao trabalho dos mineiros, Orwell coloca que:

Observando os mineiros trabalharem, você percebe, por um breve instante, como são diferentes os universos habitados por diferentes pessoas. Os subterrâneos onde se escava o carvão são uma espécie de mundo à parte, e é fácil viver toda uma vida sem jamais ouvir falar dele. [...] E, contudo, esse mundo é a contraparte indispensável do nosso mundo da superfície. Praticamente tudo que fazemos [...] envolve usar carvão, direta ou indiretamente.¹⁰⁵

A diferença de um século da escrita de Engels se evidencia em alguns aspectos, como a questão do acesso às minas. Antes, somente descendo e subindo com a força do próprio corpo, já na narrativa de Orwell há o uso de elevadores, que são “uma caixa de aço mais ou menos da largura de uma cabine telefônica, com o dobro ou triplo de comprimento. Ali cabem dez homens, mas eles enfiam muitos mais”¹⁰⁶. A descrição das condições a que os mineiros são submetidos ao trabalho tem seu significado mais

104 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 37.

105 *Ibidem*, p. 53.

106 *Ibidem*, p. 44.

potencializado pelas palavras e impressões de Orwell, já que ele mesmo entrou em uma mina e se juntou aos *fillers*, os mineiros que extraem o carvão das paredes da mina. Segundo Orwell,

[...] o momento certo de descer é quando as máquinas estão rugindo e o ar está todo negro de pó do carvão [...]. A maioria das coisas que a gente imagina que existam no inferno está ali – calor, barulho, confusão, escuridão, ar fétido e acima de tudo, um aperto insuportável.¹⁰⁷

Orwell, que tinha mais de um metro e oitenta de altura sentiu de fato o esgotamento que os trajetos até o veio de carvão provocam. Raros são os trechos em que um homem pode ficar de pé, de modo que em todo o percurso – algumas minas chegavam a oito quilômetros de extensão – a força aplicada apenas para locomoção era deveras significativa. Segundo Orwell, a maioria das minas na Inglaterra eram antiquadas, o que nos leva sempre a referência de Engels e seu relato, de modo que além do percurso de andar abaixado por um bom tempo para encontrar o veio de carvão, “o mineiro vai e vem dessa maneira, e entre a ida e a volta há sete horas e meia de trabalho bruto, feroz”¹⁰⁸. Nesse período, alguma melhoria já tinha sido aplicada, como o uso de serras para cortar os veios, mas como apontou Orwell, a maioria das técnicas eram obsoletas, vide o próprio uso de explosivos que colocavam em perigo a segurança dos operários.

Novamente relacionando com Engels, Orwell destaca o passado recente de pequenas melhorias nas minas e a relação com os trabalhadores:

Não faz muito tempo, as condições das minas eram bem piores do que hoje. Ainda estão algumas mulheres muito velhas que na juventude trabalhavam nas galerias subterrâneas, com um arreio amarrado na cintura e uma corrente que passava entre as pernas, avançando de joelhos, puxando os vagonetes de carvão. E faziam isso até quando estavam grávidas¹⁰⁹

A polêmica que críticos e resenhistas envolveram Orwell se evidencia no III capítulo. Ao falar a respeito das precárias casas em que os operários viviam, se tem em conta o porquê da classe média acusar tais trabalhadores de “cheirarem mal”. Primeiro pelo fato de as minas não terem um mínimo de estrutura para eles tomarem banho no local de trabalho (salvo as grandes minas, como coloca Orwell). Segundo por quê:

107 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 43.

108 *Ibidem*, p. 49.

109 *Ibidem*, p. 55.

Para eles é quase impossível se lavar bem em sua própria casa. Cada gota de água tem que ser aquecida e, em uma sala minúscula que contém, além do fogão e vários móveis, uma esposa, alguns filhos e talvez um cachorro, simplesmente não há lugar para tomar um banho decente.¹¹⁰

Além disso, há o fato do tempo livre e do tempo de sono que têm disponíveis, aliados à distância do local de trabalho. Dessa forma, juntando a jornada de trabalho de sete horas e meia, apenas dentro das galerias, e o tempo de chegar até elas, o resultado é um cálculo que espanta Orwell, posto que “é surpreendente que os mineiros se lavem com a regularidade com que o fazem”.

Em relação aos salários, pode-se dizer que eles ganhavam mais e tinham adquirido mais direito se comparados ao período demarcado no texto de Engels, visto que até 1845, aproximadamente, os operários estavam sujeitos a multas de toda ordem¹¹¹. No entanto, isso só se deveu em grande medida a própria organização destes trabalhadores. Orwell analisa os rendimentos dos mineiros de Yorkshire e nota uma série de descontos, como o Fundo de Caridade e a contribuição sindical, que são de responsabilidade dos próprios mineiros. Outro exemplo é o caso de “desconto por morte”, que ocorre conforme o autor explica:

Quando um mineiro morre em serviço, é comum que os colegas ajudem a viúva com uma subscrição, em geral doando um xelim cada um, que é recolhida pela empresa mineradora e automaticamente deduzida de seus salários.¹¹²

Mas a semelhança mais clara entre *A situação da classe trabalhadora* de Engels, e *O caminho para Wigan Pier*, é em relação aos acidentes de trabalho. Para Orwell, “o índice de acidentes entre os mineiros é tão alto, em comparação com as demais profissões, que as mortes entram nas contas naturalmente [...]”, sem esquecer dos casos de acidentes com lesões e ferimentos que resultam muitas vezes em invalidez permanente. De modo que “a causa mais óbvia e compreensível dos acidentes são as

110 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 58.

111 Como Engels coloca os exemplos dos mineiros que não conseguiam coletar uma quantidade mínima de carvão: “Quando o carvão se vende a peso, paga-se ao trabalhador por medida; quando a sua selha não está completamente cheia não se paga nada, enquanto que não lhe pagam mais por uma muito cheia”. Ou seja, se o mineiro não conseguir uma quantidade mínima de carvão, ele não receberá nada por isso, do mesmo modo, se o mineiro consegue uma grande quantidade, não lhe pagarão a mais por isso. [ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Global Editora, 1986, p. 283].

112 ORWELL, op. cit., p. 64.

explosões de gás, algo que sempre está mais ou menos presente na atmosfera do poço da mina”¹¹³.

A respeito das condições de moradia, alimentação e higiene, o relato de Orwell descreve verdadeiras favelas, com limitações de espaço e falta de saneamento de todo tipo, isso quando existem “casas”, pois em algumas localidades as famílias viviam em vagões provisórios¹¹⁴ que, no entanto, já estavam sendo ocupados há tempos. A corrida desenfreada em busca do progresso, ou melhor, do lucro a todo custo, promove um retrocesso no quesito alimentação. Nos produtos em conserva, nas carnes enlatadas, os setores mais pobres constituem a mão de obra da qual é extraída a mais-valia pelos donos das fábricas; paradoxalmente, essa produção acaba sendo consumida pela própria classe trabalhadora. O reflexo disso se vê na insuficiente dieta que estas pessoas mantêm, cada vez menos ingerindo alimentos frescos e saudáveis. Dessa forma, a saúde dos trabalhadores acaba sendo prejudicada, os dentes em geral são saudáveis no máximo até o começo da vida adulta e a expectativa de vida é baixa. Sem deixar de lado, claro, o perigo dos acidentes e mortes do trabalho em si, que contribui para a baixa expectativa de vida destas pessoas.

O pano de fundo deste trabalho, conforme já indicado, é a crise de 1929. E, como não poderia deixar de ser diferente, o desemprego é uma questão de grande importância, tanto mais porque se refere à todas as circunstâncias e privações sofridas pelos trabalhadores. Em relação à Wigan Pier, uma “cidade típica dos distritos industriais e mineiros”, Orwell coloca que: “O número de trabalhadores segurados é de cerca de 36 mil (26 mil homens e 10 mil mulheres). Destes, os desempregados no início de 1936 somavam cerca e 10 mil”¹¹⁵, e isso no período do inverno, quando as minas estão em funcionamento em período integral, o que eleva para o autor o cálculo de até 12 mil desempregados. No que diz respeito ao desemprego na Inglaterra dos anos 30, Orwell coloca que as estatísticas apontavam dois milhões de pessoas, no entanto, mais do que isso,

Se há 2 milhões de desempregados registrados, e se acrescentarmos os indigentes e outros que por algum motivo não estão registrados, então poderíamos calcular que o número de subnutridos na Inglaterra (pois todos os que recebem assistência social ou algo do gênero estão subnutridos) chegaria no máximo a 5 milhões.¹¹⁶

113 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 64-65.

114 Ver anexo com fotografias retiradas do livro *O caminho para Wigan Pier*.

115 *Ibidem*, p. 97.

116 *Ibidem*, p. 96.

Além disso, o autor coloca que essa cifra não confere com a real situação, tendo em vista que apenas o chefe de família recebe o seguro-desemprego, e que, “para saber o número real de pessoas que estão *vivendo* do seguro-desemprego (e não *recebendo* seguro-desemprego) é preciso multiplicar os números oficiais por três e pouco”¹¹⁷. Desse modo, os números apontados por Eric Hobsbawm no capítulo 2, a saber, 22% a 23% da força de trabalho britânica, dão a dimensão da porcentagem de desemprego na Inglaterra dos anos 30, além da condição de assegurados que Orwell colocou, informação que considero importante levar em conta e que a qual complemento com a avaliação feita por Hobsbawm:

Mesmo no país mais coberto por planos de seguro-desemprego antes da Depressão (Grã-Bretanha), menos de 60% da força de trabalho estava protegida por eles – e isso apenas porque a Grã-Bretanha desde 1920 tinha sido obrigada a adaptar-se ao desemprego em massa. [...] As pessoas acostumadas às flutuações de emprego ou a passar temporadas cíclicas de desemprego ficaram desesperadas quando não surgiu emprego em parte alguma, depois que suas pequenas economias e seu crédito nas mercearias locais se exauriram.¹¹⁸

O livro de Orwell confere constantemente um caráter de autobiografia, o que nos dá a ideia e ambiente em que o próprio autor vivera. Em relação a sua crítica ao desemprego, cabe destacar o seguinte trecho:

A primeira vez que tomei consciência do problema do desemprego foi em 1928. Na época eu tinha acabado de chegar da Birmânia, onde o desemprego era apenas uma palavra. [...] Quando vi de perto, pela primeira vez, homens desempregados, o que me deixou espantado e estarecido foi descobrir que muitos tinham *vergonha* de estar desempregados. [...] A classe média continuava falando sobre “esses vagabundos, preguiçosos, que vivem de assistência social”, e dizendo que “todos eles poderiam encontrar emprego, se quisessem” e, naturalmente, essas opiniões iam se infiltrando até a classe operária. Lembro-me do choque de espanto que senti quando pela primeira vez me misturei aos pedintes e andarilhos, ao descobrir que uma boa parte talvez um quarto – desses seres que eu tinha aprendido a ver como cínicos e parasitas era, na verdade, de ex-mineiros e operários de fábricas têxteis.¹¹⁹

Conforme o relato do próprio Orwell, o peso de sua formação o impelia das classes diferentes à sua; o que só mudará com a ruptura de seus preconceitos de classes. O próprio contato que ele tivera com os tipos de pessoas citados, altera a perspectiva e o sentido de seu ativismo. Mais do que isso, a demonstração de que o pensamento da

117 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 96-97.

118 HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 97-98.

119 ORWELL, op. cit., p.106-107.

classe média vai de acordo aos seus próprios interesses em detrimento da subordinação dos setores populares, o autor exprime a situação dos trabalhadores que, diferentemente deste pensamento de classe média, queriam e precisavam trabalhar, como Orwell complementa: “não conseguiam compreender o que estava acontecendo com eles. Tinham sido criados e educados para trabalhar e – veja só! – parecia que nunca mais iriam ter a chance de arranjar um trabalho”¹²⁰.

Esta crítica à exploração, em suas mais variadas concepções, faz com que Orwell formule uma série de apontamentos a respeito das classes sociais. O registro também faz jus à busca pelos mecanismos de saída da crise e a conseqüente crítica de seus promotores, o socialismo e os socialistas ingleses naquele espaço territorial.

3.3.2 – Crítica aos preconceitos de classe

Orwell começa a segunda parte de *O caminho para Wigan Pier* analisando as motivações que levam os ingleses da classe média alta às colônias britânicas. Uma das conseqüências da Primeira Guerra Mundial foi a queda de prosperidade desses setores sociais, que apesar de não possuírem terras, não terem tradições comerciais, não terem cavalos para montar e conseguirem manter apenas um empregado em casa, a postura a ser mantida era sempre a de um cavalheiro pertencente a esta classe mais alta. Orwell discorre sobre a persistência deste *status*:

Por esse motivo a Índia (e mais recentemente o Quênia, a Nigéria, etc.) serviu de atração para a camada inferior da classe média alta. Os ingleses que para lá iam como soldados ou oficiais não iam para ganhar dinheiro, pois um soldado ou oficial não ganha grande coisa; iam porque na Índia, com os cavalos baratos, livre acesso à caça e hordas de criados negros, era fácil brincar de ser cavalheiro.¹²¹

Era o que Orwell chamava de família aristo-capenga¹²². Estas pessoas tinham consciência do empobrecimento que as perseguia e da dificuldade em manter as aparências. A análise do escritor é que este setor social (a classe média) funciona como um verdadeiro “amortecedor da burguesia”, tendo em vista que para a verdadeira

120 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 107

121 *Ibidem*, p. 146.

122 Grafia original *shabby-genteel* [Nota do tradutor]. *Ibidem*.

burguesia, “seu dinheiro é um acolchoado, uma grossa camada que os separa da classe que eles saqueiam”¹²³.

Em relação ao distanciamento entre as classes, Orwell coloca que o

[...] segredo das distinções de classe no Ocidente – a verdadeira razão pela qual um europeu de educação burguesa, mesmo que se considere comunista, não consegue, sem muito esforço, pensar em um operário como seu igual, resume-se em quatro palavras terríveis, que hoje as pessoas têm escrúpulos em dizer, mas que eram ditas com muita liberdade na minha infância. Essas palavras são: *A classe baixa fede*.¹²⁴

Aqui vem à tona a confusão produzida pelas críticas e as resenhas feitas sobre *O caminho para Wigan Pier* (como apontados no subitem 3.2 - “Apresentação da obra”). Orwell defende justamente a ideia de que é a classe média quem tem essa maneira de enxergar (ou sentir o cheiro) dos pertencentes à classe operária; o preconceito é dela e não dele. Esta explicação fica mais clara quando ele diz, por exemplo, que:

É uma pena que os que tanto idealizam a classe operária acham necessário elogiar todas as características que ela tem, e assim fingir que a sujeira é, de algum jeito, meritória. [...] Na verdade as pessoas que têm acesso ao banho em geral o utilizam. Mas o essencial é que as pessoas da classe média *acreditam* que a classe operária é suja [...] e o que é pior, que essa sujeira deles é, de algum modo, *inerente* a eles.¹²⁵

Fica claro o receio da publicação da segunda parte do livro por Gollancz, já que, por mais que o editor tivesse uma posição favorável aos trabalhadores, o ataque de Orwell à classe média e aos defensores das ideias sobre achar que “a classe baixa fede” se contrapõe com o que Gollancz julgava coerente, tanto mais pelo fato de que no prefácio que escreveu para *O caminho para Wigan Pier*, o editor abordou com certa ressalva a crítica de Orwell presente na segunda parte da obra.

Ainda em relação à classe média, o autor frisa:

Toda pessoa de classe média tem um preconceito de classe adormecido que só precisa de qualquer coisinha para despertar; e, se tiver mais de quarenta anos, provavelmente tem a firme convicção de que sua classe social foi sacrificada em prol da classe mais abaixo.¹²⁶

123 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 146.

124 *Ibidem*, p.149-150.

125 *Ibidem*, p.152.

126 *Ibidem*, p.154.

Segundo Orwell, esse preconceito de classe atingia os próprios socialistas, de modo que, mesmo na tentativa de interagir com a classe trabalhadora, guardavam consigo as distinções de classe, devido aos costumes arraigados, ao modo de vestir, aos trejeitos de sentar-se à mesa, ao modo de falar (como a pronúncia do H nas palavras – fato identificado por Orwell). As polêmicas não são difíceis de imaginar em virtude dos apontamentos estabelecidos na análise de Orwell:

Todos nós invectivamos contra as distinções de classe, mas muito pouca gente deseja seriamente que elas sejam abolidas. Aqui você se depara com um fato importante: todas as opiniões revolucionárias extraem sua força, em parte, da secreta convicção de que nada pode ser mudado.¹²⁷

Guardadas as devidas precauções acerca do determinismo que por vezes impera na escrita de Orwell, a intenção do autor parece ser a de escancarar um problema que aos olhos daquela sociedade pareceria quase obsoleto. Em outra parte, o autor ainda ressalta: “A maioria dos socialistas de classe média [...] quando fazem algum contato genuíno com a classe trabalhadora, em geral é com a *intelligentsia* da classe trabalhadora”.¹²⁸ Para Orwell, é necessário se livrar do preconceito de classe para de fato se aproximar e pensar junto da classe trabalhadora. De modo que para ele:

O único procedimento sensato é ir devagar e não forçar o ritmo. Se você se considera, secretamente, um cavalheiro e, enquanto tal, superior ao garoto de entregas do armazém, é muito melhor dizer isso às claras do que mentir. No fim você vai ter que largar mão do esnobismo; mas é fatal fingir que largou mão dele antes de estar realmente pronto para isso.¹²⁹

Em relação ao socialismo, tema também presente na segunda parte de *O caminho para Wigan Pier*, Orwell constata, com certa surpresa, que as ideias e adesões ao projeto socialista não avançavam, mesmo sendo aquele um período de gravíssima crise:

Enquanto isso, toda pessoa que usa o cérebro sabe que o socialismo, é uma saída. Garantiria, pelo menos, que conseguíssemos o suficiente para comer [...]. De fato, desse ponto de vista o socialismo é de uma sensatez tão elementar que as vezes fico espantado ao ver que ele ainda não se estabeleceu. [...] Em vez de avançar, a causa do socialismo está retrocedendo visivelmente.¹³⁰

127 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.180.

128 *Ibidem*, p. 185.

129 *Ibidem*, p. 190.

130 *Ibidem*, p. 193.

Como respostas ao problema da falta de adeptos ao socialismo, Orwell coloca que talvez “isso se deve, sobretudo, aos métodos errados de propaganda”. Um exemplo são os tipos excêntricos que são adeptos do socialismo: “nudistas, viciados em sexo, quakers, charlatães que pregam a cura pela natureza”, etc. Outra possibilidade é o que Orwell chama de jargão técnico, que “fica tão distante da fala comum como um livro de matemática”¹³¹ e que é responsabilidade dos socialistas teóricos, que na maioria das vezes não são da própria classe trabalhadora, e se o são, não são mais trabalhadores como o eram, não trabalham com as mãos. Nesse ponto, fica evidente, mais uma vez, a relação com o pensamento de Antonio Gramsci, no conceito de “intelectual orgânico” que penetra ou que é fruto da classe trabalhadora, porém com o objetivo de conseguir ser compreendido pelos trabalhadores, e não repellido, como Orwell observa. Ou seja, ele constata a dificuldade dessa adequação de um discurso de organização política vinculada a um projeto de mudança estrutural com as demandas concretas de amplos setores de trabalhadores e desempregados.

A crítica aos próprios socialistas se faz em virtude das atitudes destes para com os setores populares:

A verdade é que para muita gente que se define como socialista, a revolução não significa um movimento de massas ao qual eles esperam se associar; significa um conjunto de reformas que “nós”, os inteligentes, vamos impor a “eles”, as ordens inferiores.¹³²

Outra das motivações para o socialismo não dar certo, para outros tipos de pessoas, é sem dúvida, a concepção de que ele poderia funcionar. Nesse sentido, Orwell aborda o temor destas pessoas quando imaginam o futuro socialista e o associam a ideia da crescente produção mecanizada, do grande avanço das máquinas nas atividades humanas: “máquinas para economizar trabalho, máquinas para economizar raciocínio, máquinas para reduzir a dor e o sofrimento”¹³³, de tal modo que a humanidade quase não precise mais trabalhar (Orwell faz referência ao livro *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley e seu “paraíso dos gordinhos”¹³⁴). Desse modo, segundo Orwell, o “tipo de pessoa que odeia as máquinas também acha natural odiar o socialismo; o socialista é sempre a favor da mecanização, racionalização, modernização – ou pelo

131 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.196-197.

132 *Ibidem*, p. 201.

133 *Ibidem*, p. 214.

134 *Ibidem*.

menos, pensa que deveria ser a favor de tudo isso”¹³⁵. O autor, nesse sentido, associa o desenvolvimento científico-tecnológico como instrumento do processo de libertação humana.

Por fim, outro aspecto abordado por Orwell refere-se ao comportamento dos socialistas, em virtude do avanço do fascismo naquele período, e que deve servir de exemplo, principalmente em períodos de crise, para qualquer período na História:

Os socialistas não podem desperdiçar mais tempo pregando para os convertidos. Seu trabalho agora é fazer novos socialistas, e com a maior rapidez possível; só que, em vez disso, com muita frequência, estão produzindo fascistas.¹³⁶

Pois para o autor isso se deve “à tática equivocada dos comunistas de sabotar a democracia, isto é, serrar o próprio galho da árvore onde se está sentado”. Orwell está provavelmente referindo-se à tática do social-fascismo, defendida pelos comunistas alemães associando como inimigos iguais os nazistas e os social-democratas. Posteriormente, Orwell sofrerá, desde as fileiras do POUM espanhol, as agruras da mudança extremada da orientação comunista, nesse momento defendendo uma aliança de classes o mais ampla possível para barrar a expansão nazifascista (experiência das Frentes Populares).

Nesse sentido, novamente, os exemplos da História demonstram a visão estreita das opções políticas adotadas a partir da orientação de Stálin e do Partido Comunista soviético, que serviu de modelo para os comunistas daquele período. Dessa forma, o cerne da questão recai na sentença que Orwell aplica aos apontamentos trabalhados nesse capítulo em relação às disparidades ideológicas e às diferenças de costumes entre os intelectuais de esquerda e a classe trabalhadora. Para ele, “o movimento socialista não tem tempo para ser uma liga dos materialistas dialéticos; ele deve ser uma liga dos oprimidos contra os opressores”¹³⁷.

Em suma, as discussões aqui suscitadas pretenderam expor o viés socialista de Orwell e sua crítica aos mecanismos utilizados em favor da classe trabalhadora. A análise da segunda parte do livro *O caminho para Wigan Pier* está focada, em grande medida, no posicionamento do próprio Orwell em relação às estratégias de luta a serem utilizadas, assumindo, explicitamente, seu posicionamento contrário a exploração da

135 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 222.

136 *Ibidem*, p. 232.

137 *Ibidem*, p. 243.

classe trabalhadora. Guardadas as devidas ressalvas que porventura possam ser pertinentes ao tomarmos conhecimento das análises de Orwell, seu exemplo de conhecimento e informação a respeito daquele período, conferem a importância de entender o período conturbado não só economicamente, mas ideologicamente, que o mundo, e mais especificamente a Europa, estavam passando.

Capítulo 4 – A exploração dos setores populares

O percurso intelectual de George Orwell serve de exemplo ao posicionamento político que muitos escritores encararam diante do cenário que se seguiu até a Segunda Grande Guerra. O próprio autor escrevera sobre o porquê era um imperativo para os escritores terem um posicionamento político em suas obras¹³⁸. O perigo do nazismo, a falta de soluções dos governantes para conter os desdobramentos econômicos provocados pelo pós-Primeira Guerra e pela Crise, além da necessidade de mudanças estruturais no sistema social foram marcas presentes em seu posicionamento.

Em relação à exploração dos setores populares, a obra de Orwell é permeada por uma visão a favor destas pessoas e contra a posição dos setores dominantes. O termo “exploração” é um conceito básico da perspectiva do materialismo histórico. A produção de um excedente torna possível a exploração, que por sua vez é o fundamento da sociedade de classes. Para Bottomore:

A exploração ocorre quando um setor da população produz um excedente cuja utilização é controlada por outro setor. As classes, na teoria marxista, só existem nas relações que mantêm uma com as outras, e essa relação gira em torno da forma de exploração que tem lugar em um determinado MODO DE PRODUÇÃO. É a exploração que dá origem à LUTA DE CLASSES. [Grifos do autor]¹³⁹

Ou seja, o que caracteriza a exploração no capitalismo é a extração da mais-valia dos trabalhadores, de modo que os donos dos meios de produção comprem a força de trabalho da classe trabalhadora por um valor inferior ao que produzem. O salário pago não compete com os ganhos dos patrões. Evidentemente, essa explicação é apenas um esboço na abrangência de mecanismos que abarca o conceito de exploração. Outrossim, serve para relacionar com o tema abordado neste estudo da exploração dos setores populares. As experiências relatadas por Orwell são alguns dos exemplos de empregos e de trabalhadores que sofrem com a exploração.

4.1 – As mazelas sociais

138 Pode ser mais bem observado no ensaio *Por que escrevo* (Why I Write?).

139 BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 144.

Uma das imagens mais recorrentes do período da Crise de 1929, sem dúvida, é aquela em que as filas em busca de emprego, pão ou sopa somavam milhares de pessoas de todas as classes sociais numa tentativa de buscar uma solução, paliativos momentâneos, para os problemas que mais as assolavam: a fome e o desemprego. A fome, em grande medida, se deveu ao desemprego em massa nunca antes imaginado, mas mais do que isso, às guerras que tomaram conta da Europa dos anos 1914 e que só acabaram de fato em 1949.

As obras de Orwell usadas neste trabalho propuseram um olhar crítico do jornalista amadurecendo sua compreensão do mundo vivido. Em *Na pior em Paris e Londres* as reflexões do autor em relação à extenuante carga horária dos lavadores de pratos e à vida dos mendigos conferem um importante ponto de partida para relacionar com o contexto conturbado pelo qual o mundo passava. Em *O caminho para Wigan Pier*, novamente o olhar investigativo de Orwell lança luz ao meio intelectual da precariedade e sucateamento do trabalho, a visão do desemprego em massa e o esfacelamento da qualidade de vida possível no auge do entre guerras. Além disso, a busca por respostas aos problemas observados gerou uma avaliação crítica dos mecanismos que poderiam salvar a classe trabalhadora da exploração capitalista: o socialismo. Na prática, Orwell se mostra contrariado com a forma de atuação de certas lideranças ou dirigentes socialistas locais e sua relação rarefeita junto à classe trabalhadora, o que, em alguns casos, poderia abrir maior espaço para o avanço do fascismo.

A experiência narrada em Paris demonstra uma incapacidade econômica de suportar uma situação que estava a ponto de explodir, de tal modo que vale relembrar a análise de Orwell quando ele diz que naquele momento, mesmo antes de eclodir a Crise de 1929, muitas pessoas com diploma universitário tinham de trabalhar como *plongeurs* para poder sobreviver. Em fins dos anos 20, a desigualdade social estava muito presente nas sociedades europeias minadas pelo fim da Primeira Guerra Mundial. O desemprego em massa dava sinais de seu trágico começo e a falta de perspectiva começava a rondar a sociedade francesa e inglesa.

Nem mesmo as pessoas que sofreram com o desemprego e acabaram, literalmente, na rua, viram um fim para o pesadelo que as abatera. A mendicância na Inglaterra era caso de polícia. Orwell explica que o mendigo poderia ser preso se fosse encontrado dormindo na rua, pois existia uma lei que o proibia disso. Além disso, o

problema dos albergues públicos e suas normas, que não permitia ao morador de rua dormir mais do que um dia no mesmo local, desta forma, eles passavam o dia caminhando até o próximo albergue que os pudesse receber.

O olhar investigativo e o intento jornalístico iam se cristalizando em meio à convivência com pessoas que viviam à margem da sociedade. Uma passagem interessante em *O caminho para Wigan Pier* é a que remete ao tempo vivido com os mendigos em Londres. Experiência esta que lhe causara grande espanto ao saber que muitos dos mendigos com quem teve contato eram ex-mineiros e operários que estavam desempregados¹⁴⁰.

Dessa forma, alguns dos aspectos mais marcantes do recorte temporal aqui utilizado foram: a desqualificação da mão-de-obra, a perda de dignidade dos trabalhadores – que, sem alternativas, tinham de enfrentar a realidade das ruas –; o sucateamento dos locais de trabalho, como no caso dos mineiros, observado no capítulo terceiro. Em relação a este último aspecto, se impõe a comparação com aquela relatada no livro de Engels, passados praticamente cem anos de sua escrita ainda; a defasagem temporal ainda mantinha tristes semelhanças com *Wigan Pier*, tanto pela falta de segurança (o acesso às galerias, por exemplo, continuava a ser um percalço maçante) e acidentes de trabalhos dos operários, quanto pelas duras condições de vida que estes ainda enfrentavam. O desemprego em massa e a fome, marcas profundas do período, também estão explícita e implicitamente visíveis nos dois livros utilizados.

Não é a toa que Orwell detalha em seus livros a precária dieta que as pessoas da classe trabalhadora. Seja em Paris, seja em Londres, a refeição mais comum era pão com margarina e chá, também a única possível para boa parcela da população necessitada. A diferença também para a exploração capitalista que sempre afetou os mais pobres, é que a Crise de 1929 nivelou, relativamente, as classes por baixo. Em consonância com Eric Hobsbawm:

A imagem predominante na época era a das filas de sopa, de “Marchas da Fome” saindo de comunidades industriais sem fumaça de chaminé onde nenhum aço ou navio era feito e convergindo para as (sic) capitais das cidades, para denunciar aqueles que julgavam responsáveis.¹⁴¹

140 Ver nota 119.

141 HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 98.

Ou seja, é difícil ver na história das crises, um capítulo tão derradeiro quanto o de 1929, em que pessoas da classe média e da burguesia – que haviam falido – se juntaram aos trabalhadores desempregados e miseráveis em busca de pão ou empregos nas famigeradas filas que se somavam.

4.2 – O embate social

O embate social se dá a partir da perspectiva que uma classe tem de si (ou seja, uma classe tendo consciência de si) e se organiza em função disso. Ainda que o conceito de classe possa ser discutido sob diversos enfoques e vertentes, restrinjo-me a acepção utilizada por Edward Palmer Thompson, a qual,

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõe) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais.¹⁴²

A articulação dos interesses dos trabalhadores é o que promove o embate social de modo que a classe trabalhadora possa conquistar direitos frente à dominação e exploração capitalista. Em *Na pior*, o enfrentamento para a exploração não fica tão claro como em *Wigan Pier*, tendo em vista que no caso dos andarilhos, é difícil constituí-los como uma classe, a ponto de traçar-lhes objetivos de consenso entre eles. Isso não quer dizer que melhorias sociais não deveriam ser postas em prática, como por exemplo, o posicionamento contrário de Orwell às políticas dos albergues da época, que poderiam oferecer mais conforto e qualidade, tanto nas moradias, quanto na alimentação, se as pessoas fizessem parte do processo de manutenção e do trabalho necessário para tal nestes albergues. Em Paris, a situação dos *plongeurs* talvez só se resolvesse por meio de uma representação por associação ou sindicato, visto que o trabalho parecia perpetuar-se, de acordo com a análise de Orwell, para que “a plebe” não pudesse ter tempo de mais nada, apenas sobreviver.

142 THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.10.

A classe operária, em contrapartida, se organiza de modo mais prático e na medida do possível leva a cabo seus interesses. No livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* de Engels, e mais especificamente no capítulo que trata dos operários mineiros, a força da organização e das greves em meados do século XIX são exemplos de lutas que procuraram favorecer a classe trabalhadora:

Tudo o que os trabalhadores sabiam era que a sua razão de existir era serem sugados até à medula. Mas a pouco e pouco manifestou-se, mesmo entre eles, um espírito de oposição à opressão escandalosa dos “reis do carvão”, principalmente nos distritos industriais em que o contato que tiveram com os trabalhadores de fábrica mais inteligentes não deixou de ter influência favorável. Começaram a fundar associações e a parar o trabalho de vez em quando.¹⁴³

Na figura do advogado W.P. Roberts, que se tornou “procurador geral” dos mineiros ingleses naquele período, uma série de processos foram ganhos em favor dos trabalhadores e contra os donos das minas de carvão. Uma greve de 19 semanas, em 1844, embora não tenha surtido os efeitos desejados das reivindicações, para Engels

[...] arrancou para sempre os mineiros do Norte da Inglaterra à morte intelectual que eles conheciam anteriormente; deixaram de dormir, estão vigilantes na defesa dos seus interesses e juntaram-se ao movimento da civilização, principalmente ao movimento operário.¹⁴⁴

Em comparação ao *Wigan Pier* de Orwell, vale destacar a crítica do jornalista à passividade que a classe trabalhadora estava tendo naquele período:

Há mil influências que pesam constantemente sobre o trabalho e o pressionam a assumir um papel *passivo*. Ele não age; os outros é que agem sobre ele. Ele se sente escravo de uma autoridade misteriosa e tem a firme convicção de que “eles” nunca vão lhe permitir fazer isso, aquilo e aquilo outro.¹⁴⁵

Todavia, apesar dessa “passividade” apontada por Orwell, ainda sim os mineiros se organizavam a ponto terem um mínimo de dignidade em meio às adversidades enfrentadas, basta notar o senso de solidariedade entre os trabalhadores

143 ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Global Editora, 1986, p. 284.

144 *Ibidem*, p. 289.

145 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 69. Ou mesmo na carta enviada para Miller, a respeito das zonas carvoeiras e que comenta sobre a falta de coragem que assolava aquelas pessoas [Nota 102].

mineiros e suas famílias, que recebiam uma pensão (ainda que insuficiente) em caso de morte do trabalhador e que era descontada dos pagamentos dos demais.

Para fazer frente ao embate social, a segunda parte de *Wigan Pier* aborda a atuação dos socialistas, equívoca, segundo Orwell, na maneira de atingir uma população sofrida e tão necessitada, devido à incapacidade daqueles em conseguirem realizar uma propaganda favorável ao projeto socialista. Uma das razões abordadas por Orwell, no caso inglês, é a distância das classes a que pertencem: “a primeira coisa que impressiona qualquer observador externo é que o socialismo, em sua forma desenvolvida, é uma teoria inteiramente restrita à classe média”.¹⁴⁶

Sem querer envolver o presente estudo em uma discussão muito mais abrangente a respeito da problematização da classe média, restrinjo-me às citações de Orwell e ao entendimento da classe conforme a concepção de Thompson.

Em relação à construção de uma compreensão da condição da classe trabalhadora, é interessante relacionar a atuação dos intelectuais com o processo de formação da consciência de classe sintetizado por Bottomore, e que coincide com a ascensão de uma organização de classe abrangente:

A consciência de classe política, ou seja, uma consciência que esteja de acordo aos interesses da classe trabalhadora, só pode ser desenvolvida pelos INTELLECTUAIS que, por serem portadores da cultura e bem informados, e por estarem à distância do processo de produção imediato, estão em condições de compreender a sociedade burguesa e suas relações de classe em sua totalidade [Grifos do autor].¹⁴⁷

Nesse caso, mesmo em Engels percebemos a influência positiva que o advogado Roberts teve para os mineiros da época, como um agente de fora da classe operária que atuava em favor destes. Dessa forma, a acepção de Bottomore se relaciona com o conceito de “intelectual orgânico” proposto por Gramsci e analisado na primeira parte deste estudo.

Para o problema da crise dos anos 30, a organização dos trabalhadores e a atuação dos intelectuais em favor daqueles, era de importância vital, visto que, conforme Hobsbawm, mesmo os governantes viam-se sem saída para agir. Além disso, como já foi comentado anteriormente, as portas para o fascismo insistiam em manter-se entreabertas, algo que Orwell criticava em *Wigan Pier*.

146 ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 195.

147 BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p.76.

Nem a precária assistência, nem os precários empregos poderiam solucionar os danos causados pela Crise. Novas políticas governamentais deveriam ser utilizadas para livrar a situação da massa de desempregados sob o capitalismo. Apenas o pleno emprego salvaria os trabalhadores desta exploração social mais evidente. Os benefícios do pleno emprego apontados por Keynes levaram a um novo panorama para a saída da Grande Depressão, e mesmo políticas como o fordismo, apesar do trabalho quase mecânico – sempre nos vem a referência a Charles Chaplin e a caricatura de Tempos Modernos –, tiveram um papel importante para que os trabalhadores obtivessem emprego e remuneração. Em muitos países, mas principalmente nos EUA, (particularmente a partir dos esforços do “New Deal”) os investimentos em construções de rodovias e infraestrutura promovida pelo Estado, ajudaram na movimentação econômica para a saída da estagnação. A indústria de guerra igualmente impulsionou a produção e somente nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, a economia mundial respirou ares de certa tranquilidade.

4.3 – A perspectiva de Orwell

Ao propor uma concepção materialista da cultura, o marxista Raymond Williams constrói sua abordagem a respeito de Orwell no que ele chama de “paradoxo do exílio”¹⁴⁸. Relacionando concepções ideológicas de Orwell com sua própria realidade, Williams atenta para a questão da escolha dele em escapar da tradição inglesa, montada sobre o imperialismo. No entanto, algumas das qualidades dessa própria concepção inglesa, como a franqueza e honestidade permaneceram.

O paradoxo do exílio, porém, coloca dois pontos que permeiam a ação de Orwell: a do exilado e a do vadio, de vida nômade. O exilado, segundo Williams, tem um princípio (embora o autor não aborde essa definição). O vadio, em termos literários, se coloca, se houver o distanciamento local, como “repórter”, relatando e achando nicho em sociedades ora pela questão do exótico destas visões, ora por uma crítica apurada. Nesse aspecto, o condicionamento de Orwell cabe ao ponto de vista do repórter, o que Williams confirma como pertencente às duas obras que foram analisadas.

148 WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Editora Nacional, 1969, p. 298-299.

Williams também coloca em sua obra, a concepção errônea que Orwell observa no conceito de classe, que para ele é vista como uma massa única, concepção que o escritor teve apenas com exemplos empíricos de alguns setores específicos da classe trabalhadora. Raymond Williams ainda discorre sobre a crítica marxista que podem fazer a respeito de Orwell, o chamando de “pequeno-burguês”, ao que para Williams é algo superficial, tendo em vista que,

[...] um homem não pode ser examinado à luz de algum pecado original de classe; ele está onde está, com os sentimentos que tem; sua vida precisa ser vivida segundo sua própria experiência, não de acordo com experiências alheias.¹⁴⁹

Ainda que o excerto de Williams se demonstre em defesa de Orwell, o próprio percurso intelectual do autor, seus escritos e opiniões, são provas do comprometimento deste em favor das classes baixas. A própria crítica à Orwell citada por Williams soa um tanto quanto contraditória, já que Orwell não morreu com grandes provimentos, situação que só mudaria após sua morte devido aos ganhos com os direitos autorais de suas obras amplamente reconhecidas após os anos 50.

Se levado em conta a percepção de algumas das concepções de George Orwell, poder-se-ia dizer que haveria espaço para certa concepção liberal de compreender o mundo. No entanto, Orwell sempre se considerou “socialista democrático” e contra a arregimentação dos Partidos Comunistas, representados pelo “socialismo ortodoxo” da URSS. O liberalismo em questão se deve em função da ampla defesa das liberdades individuais, de modo que o exemplo de *1984* ilustra claramente tal concepção. Dessa forma, *1984* não serve de crítica apenas para o comunismo stalinista, mas sim para toda forma de poder totalitário¹⁵⁰ e mesmo para o capitalismo, que cada vez mais elabora mecanismos de controle dos indivíduos.

Mais do que isso, para Matheus Cardoso da Silva

Sua atuação profissional ao longo das décadas de 1930 e 1940, essencialmente através da publicação da maior parte de sua produção na imprensa de vários países, colocou-o no meio de uma série de debates sobre questões fundamentais para sua geração: a crise da década de 1930 e seus efeitos para as sociedades europeias; a Guerra Civil Espanhola e a

149 WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Editora Nacional, 1969, p.300.

150 Ciente das ressalvas que o conceito de totalitarismo gera, sendo pois, um conceito de cunho político, fruto da Guerra Fria, não entraremos nesta discussão no presente trabalho.

multiplicação de opiniões sobre os seus acontecimentos; a ascensão do fascismo na política europeia dos anos trinta [...]¹⁵¹

Desta forma fica clara a importância do autor para o posicionamento a respeito dos desdobramentos sociais pelo qual a Europa estava passando. O que pode ocasionar os julgamentos das ideias de Orwell é a assimilação e a forma pelas quais seus textos foram entendidos pela recepção após sua morte¹⁵², ou mesmo em relação aos seus críticos opositores, que muitas vezes confundiam a crítica de Orwell ao stalinismo, como uma crítica ao socialismo em si.

A fortuna crítica de George Orwell para o estudo do entre guerras e consequentemente da Crise de 1929 é de uma contribuição que, mais do que traçar um olhar contemporâneo do autor no período em que viveu, faz com que uma outra importante visão da figura de Orwell ressoe do período histórico trabalhado. A imagem criada do mito George Orwell, dessa forma, também demonstra um jornalista e escritor preocupado com as questões de seu tempo e combativo aos perigos iminentes que assolavam a humanidade, como o fascismo e mais uma vez, a exploração dos trabalhadores.

Segundo Silva, a condição de Orwell em relação ao meio intelectual poderia ser considerada até mesmo como *outsider*, pois não fazia parte da hegemonia intelectual inglesa, formada em Oxford ou Cambridge; no entanto, é justamente esta “condição de *outsider* de sua figura pessoal, que transforma a obra de Orwell num caminho *sui generis* para a interpretação deste momento histórico determinado”¹⁵³. Assim, não é difícil de entender o porquê o nome de George Orwell ainda hoje é envolto por polêmicas, visto que o estilo de escrever e a própria perspectiva que a leitura do autor transmite, nos dá a sensação da maior sinceridade possível.

Mais do que todos os debates e posicionamentos políticos que certamente rondarão o espectro do autor, a relevância de sua atuação nas mais variadas ocupações e situações em que esteve envolvido, demarcaram sua versatilidade e ideário frente aos agouros vividos até o fim da Segunda Guerra Mundial. A vida do jornalista mergulhado

151 SILVA, Matheus Cardoso. *O último homem da Europa: a luta pela memória no universo não ficcional da obra de George Orwell, 1937-1949*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p.63.

152 É o caso observado no livro de Frances Stonor Saunders, *Quem pagou a conta?* (Record, 2008), onde a autora coloca a apropriação das ideias de Orwell pela CIA, comprando os direitos sobre suas grandes obras e alterando até mesmo o final do livro *1984*, como exemplo, no sentido de “aliviar” o pessimismo catastrófico da obra e, claro, fazer a propaganda para o sistema encabeçado pelos EUA.

153 SILVA, Matheus Cardoso, op. cit., p.72.

no retrato das piores realidades pelas quais muitas pessoas passavam na época, o escritor que conseguia marcar no papel as impressões que as experiências lhe colocavam, o militante do POUM que quase teve a vida tirada pelos fascistas na linha de frente, o escritor envolto por tragédias pessoais – como a morte de sua primeira mulher e o filho adotivo pequeno por cuidar –, o jornalista e correspondente da BBC, o gosto pela vida e lida no campo, com os cuidados com as plantas e animais, enfim, as mais variadas ocupações de Orwell o colocam em uma posição de destaque frente aos escritores do século XX.

A perspectiva de George Orwell, portanto, confere um alto grau de credibilidade ao autor, sem deixar de lado possíveis interpretações que possam estar em desacordo com o que foi escrito no presente trabalho. Contudo, mais do que viver junto das classes baixas, alvos diretos da exploração socioeconômica capitalista, a vida do próprio Orwell acabou também de forma sofrida, com o grave problema da tuberculose e com a falta de recursos financeiros. Aliás, até mesmo a tuberculose pode ter sido contraída em virtude das experiências em que Orwell esteve envolvido¹⁵⁴. De qualquer modo, mais do que servir de inspiração, as experiências de George Orwell conseguiram mesclar política e literatura de uma forma tão peculiar e envolvente que mesmo hoje seus escritos soam atuais.

154 Nas fontes pesquisadas para este trabalho, em nenhum momento ficou clara de que forma houve o contágio com a tuberculose. Ricardo Bonalume Neto defende que foi em virtude dos locais que Orwell esteve, hospedarias da pior espécie, quartos apinhados de gente. Até mesmo a passagem pelo hospital que Sérgio Augusto se refere, ou mesmo o contato com as galerias das minas de carvão, cheias de poeira de xisto são lugares de possível contágio. Se o autor já tinha alguma complicação pulmonar antes de ingressar naquela vida “errante”, não se sabe ao certo, mas de fato, as situações a que esteve envolvido, o condicionam para que, ou tenha adquirido, ou tenha piorado a doença.

Conclusão

Ainda odiado por alguns e admirado por outros, o pensamento orwelliano demonstra o quão importante o escritor foi para exprimir em textos emblemáticos os acontecimentos que marcaram a primeira metade do século XX. Mais do que isso, os livros aqui analisados com a pretensão de expor outra faceta do autor, que não a já conhecida visão do controle das pessoas em *1984* ou os deslizes do socialismo em *A Revolução dos Bichos*, demonstram a versatilidade do pensamento do escritor e o amadurecimento de sua sensibilidade social.

A atuação de Orwell não ficou restrita ao fechado meio intelectual inglês – que, aliás, como foi visto no último capítulo, chegava a ter um caráter de *outsider* –, mas extrapolou as fronteiras territoriais e serviu de exemplo para uma realidade universal. A reflexão suscitada pela convivência com os mendigos de Londres nos serve de modelo até hoje, haja visto o problema da falta de inclusão do sistema capitalista e o preconceito ainda latente para com estas pessoas, consideradas desajustadas perante a lógica da produção capitalista. Do mesmo modo, a situação dos trabalhadores dos hotéis luxuosos, explorados nos bastidores, em contraposição à imagem de glamour e respeito perpassados aos clientes exigentes destes lugares. Ainda hoje é possível notar as reivindicações que surgem não só do ramo dos hotéis e restaurantes, mas pior ainda dos setores de *fast-food*, constantemente respondendo a processos de exploração dos trabalhadores sem que mudem de fato esta prática.

As minas de carvão e sua falta de tecnologias que sirvam para a segurança dos operários, ainda que tenham evoluído bastante em relação ao recorte temporal aqui utilizado, conseguem ressurgir a cada tempo em notícias de trabalho escravo ou de acidentes no trabalho. Nesse sentido, vale lembrar o acidente dos 33 mineiros do Chile, em 5 de agosto de 2010¹⁵⁵, que por sorte tiveram suas vidas salvas.

Em suma, os exemplos abordados por Orwell nos dois livros utilizados neste trabalho demonstraram, desde a perspectiva da divisão do trabalho e exploração, o quanto a extração de mais-valia foi evidente para as classes baixas. O conturbado período da Crise de 1929 ainda não teve outro quadro semelhante de tumulto, desespero

155 Disponível em diversos sítios: <http://www.infoescola.com/chile/acidente-na-mina-de-san-jose/>; <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/10/chile-resgata-mineiros-soterrados-desde-5-de-agosto.html>. Acessados em 18/11/2013.

e desemprego em massa. Ainda que outras crises econômicas tenham ressoado novamente nos anos 1970 e nos anos 2000, a abrangência mundial da Grande Depressão foi agravada pelo antecedente da Primeira Guerra Mundial e a deterioração das relações internacionais e sociais que levaram à Segunda Grande Guerra, como processo decorrente daquela lógica de desenvolvimento capitalista da primeira metade do século XX.

Todavia, a Guerra Fria assolou a segunda metade do século, e algumas experiências socialistas, como a Revolução Cubana, deram uma dose de ânimo aos defensores do projeto socialista. Não há como saber qual seria a opinião de Orwell se ele pudesse observar os acontecimentos que tomaram conta dos anos seguintes a sua morte, no entanto, a posição política demonstrada até o fim de sua vida, dá a entender que o mesmo ideal de denúncia e ativismo contra a opressão se manteria. De qualquer modo, é de se destacar uma carta encontrada por Peter Davison, de Jennie Lee (baronesa de Lee de Ashridge, 1904-1988), escrita em 26 de junho de 1950, que demonstra com irreverência a imagem que Orwell lhe passara quando de sua ida à Barcelona para lutar a favor dos republicanos:

No primeiro ano da Guerra Civil Espanhola, eu estava com amigos em um hotel de Barcelona quando um homem alto e magro, com um aspecto encantador veio até a nossa mesa. Ele me perguntou se eu era Jennie Lee e, caso fosse, se eu poderia lhe dizer onde se alistar. [...] Fique desconfiada e perguntei que credenciais ele trazia da Inglaterra. Não tinha nenhuma. Não havia conversado com ninguém, simplesmente viera por conta própria. Ele me conquistou ao apontar para as botas penduradas no ombro. Sabia que não conseguiria botas grandes o suficiente, pois tinha mais de um metro e oitenta de altura. Eram George Orwell e suas botas chegando para lutar na Espanha. [...] A única coisa de que posso ter muita certeza é que, até seu último dia, George foi um homem de integridade absoluta; profundamente gentil e pronto a sacrificar suas últimas posses mundanas – que nunca teve muitas – pela causa do socialismo democrático. Parte de seu mal-estar advinha do fato de que ele era não somente socialista, mas profundamente liberal. Odiava a arregimentação onde quer que a encontrasse, mesmo nas fileiras socialistas.¹⁵⁶

Em relação ao que foi proposto na Introdução deste trabalho, fica a contribuição da leitura da produção de George Orwell para a compreensão dos problemas de seu tempo e fonte para inúmeras abordagens e estudos históricos, literários, políticos ou jornalísticos. A tentativa de relacionar Orwell com o conceito de “intelectual orgânico”, ainda que guardadas as devidas proporções de sua atuação, confere a possibilidade de relacioná-lo também como agente histórico de sua realidade.

156 ORWELL, George. Uma vida em cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 102.

Utilizando a conceitualização mais vulgar do termo “intelectual”, a função de jornalista e escritor já o classificaria como tal, mas as ações e reflexões que as experiências do autor suscitaram, também contribuíram para que o referencial de Gramsci fosse utilizado, embora se reconheça a limitação quanto ao papel de organizador político dos trabalhadores, bem como sua relação com os partidos. Apesar disso e da longa explanação, a utilização dos livros *Na pior em Paris e Londres* e *O caminho para Wigan Pier*, pretendeu trazer ao debate as análises e descrições da exploração dos trabalhadores na realidade dos anos 30, embora, infelizmente, ainda hoje persistam muitos aspectos, o que acaba mantendo vigente tal problemática.

Fontes primárias

ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Bibliografia

ANVERSA, Gerson Luís Albrecht. A Crise econômica de 1929. In: PADRÓS, Enrique Serra; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; e GERTZ, René. *Segunda Guerra Mundial: Da crise dos anos 30 ao Armagedom*. Porto Alegre: Editora Folha da História, 2000.

BEAUD, Michel. *História do capitalismo de 1500 até nossos dias*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Editora da UNB, 1992.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

CAMINO, Maria Ester Mena Barreto. *Miséria à americana – vivendo de subempregos nos Estados Unidos*. Brasília: Cadernos Aslegis – 36 – janeiro/abril 2009.

CHARTIER, Roger. *A Beira da Falésia: A história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

DE DECCA, Edgar. O Colonialismo como a glória do império. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZANHA, Celeste (org.). *O Século XX – O tempo das certezas – Da Formação do Capitalismo à Primeira Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Global Editora, 1986.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HITCHENS, Christopher. *A vitória de Orwell*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Como morrem os pobres e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Dentro da baleia e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Lutando na Espanha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MARTINS, Marcos Francisco. *Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política*. Campinas: Pro-Posições, v.22, n.3, 2011.

NETO, Ricardo Bonalume. *George Orwell: A busca pela decência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

SAUNDERS, Frances Stonor. *Quem pagou a conta?* Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Matheus Cardoso da. *O último homem da Europa: a luta pela memória no universo não ficcional da obra de George Orwell, 1937-1949*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SIRINELLI, Jean-François. Intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

ZANOTTO, Gizele. *História dos Intelectuais e Historiografia Intelectual: Contribuições da Historiografia Francesa*. Biblos: Rio Grande, 22 (1), 2008.

Sítios

Infoescola: <http://www.infoescola.com/chile/acidente-na-mina-de-san-jose/>

Pragmatismo Político: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/10/video-politico-mendigo-devia-virar-racao-peixe.html>

The Independent: <http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/obituary-stafford-cottman-1122096.html>

Anexos:
Situação das moradias dos operários



Figura 1. Casa de operário em Limehouse, Londres. (ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012)

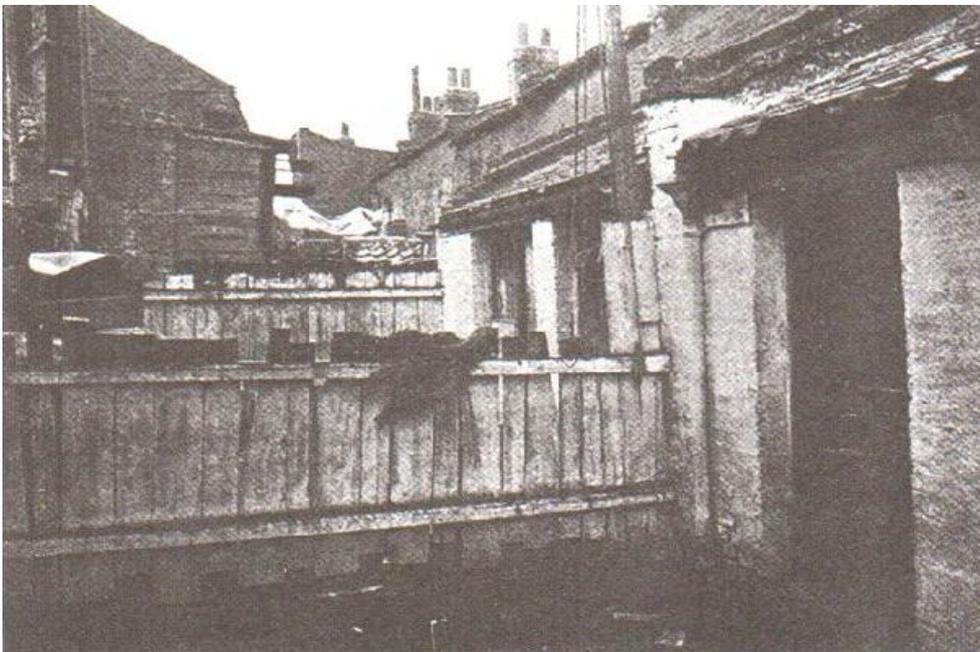


Figura 2. Limehouse, Londres. (ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012)



Figura 3. Carroções-moradia perto de uma pedreira de Durham. (ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012)